

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Melânie Pereira Macedo

**Letramento e HQs: análise dos efeitos de um curso de formação
de professores para a construção de práticas de letramento
crítico**

Rio de Janeiro

2026

Melânie Pereira Macedo

Letramento e HQs: análise dos efeitos de um curso de formação de professores para a construção de práticas de letramento crítico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação do Colégio Pedro II - Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Básica.

Orientador: Professor Dr. Edgar Miranda da Silva

Coorientadora: Professora Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira

Rio de Janeiro

2026

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M141 Macedo, Melânie Pereira

Letramento e HQs : análise dos efeitos de um curso de formação de professores para a construção de práticas de letramento crítico / Melânie Pereira Macedo. - Rio de Janeiro, 2026.

90 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Edgar Miranda da Silva.

1. Anos Iniciais do ensino fundamental - Estudo e ensino. 2. Letramento crítico. 3. Histórias em quadrinhos. 4. Prática docente. I. Silva, Edgar Miranda da. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 372.241

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Melânie Pereira Macedo

Letramento e HQs: análise dos efeitos de um curso de formação de professores para a construção de práticas de letramento crítico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação do Colégio Pedro II - Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Básica.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Dr. Edgar Miranda da Silva (Orientador)
Docente do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB)

Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira (Coorientadora)
Docente do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB)

Dr. José Ricardo Dordron de Pinho
Docente do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB)

Dra. Andrea da Silva Marques Ribeiro
Docente do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB-CapUERJ)

Rio de Janeiro
2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas filhas **Cecília** e **Clarice**, e aos meus sobrinhos **Diana** e **João Vicente** — as crianças mais importantes da minha vida.

São eles que me lembram, todos os dias, da importância de acreditar na educação pública de qualidade e de resistir, na função docente, com respeito às infâncias, esperança e coragem, por um futuro mais justo e cheio de possibilidades.

HOMENAGEM PÓSTUMA

À memória do meu querido cunhado **Diego Abreu de Figueiredo**, que partiu de forma precoce quando esta pesquisa ainda dava seus primeiros passos, deixando não apenas um caminho mais silencioso, mas uma ausência imensa, sentida todos os dias.

Sua partida trouxe uma saudade que não se mede, uma falta que ecoa nos momentos simples e nas grandes conquistas. Seguir adiante, desde então, tem sido um ato de coragem. Cada vitória carrega um pouco da sua ausência, mas também muito da força e do exemplo que você deixou em nós.

Enquanto eu viver, jamais faltará presença, cuidado e amparo àqueles que você mais ama. Sua ausência dói, mas o amor que nos une continua sendo chão firme sob nossos pés e luz serena a nos guiar.

Que sua memória continue iluminando nossos caminhos e aquecendo nossos corações em cada novo desafio. Fica em paz!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Mônica e Ricardo**, que fizeram da educação o alicerce de nossa família e me ensinaram, pelo exemplo, o valor do esforço, da honestidade e da dedicação. Foram e continuam sendo meu porto seguro, presença firme em cada passo. Seus sacrifícios e generosidade, mesmo em tempos de escassez, jamais passaram despercebidos — e estarão eternamente gravados em minha gratidão.

À minha irmã, **Mariana**, por ser farol nas horas incertas e por me lembrar, sempre, que é possível recomeçar, reinventar-se e alcançar o que parece distante.

Ao meu irmão, **Paulo Mauricio**, exemplo de coragem, cuja trajetória me inspira a seguir com firmeza, mesmo diante dos ventos contrários.

Ao meu companheiro de vida, **Theo Fabi**, que, com amor e paciência, abriu mão de tanto para que eu pudesse chegar até aqui. Sua presença foi abrigo, incentivo e calma em meio ao caos dos dias mais intensos.

Às minhas filhas, **Cecília e Clarice**, que, tão pequenas, aprenderam a dividir a mamãe com os livros, os prazos e os silêncios do estudo. Sem saber, foram a força e razão de cada linha escrita neste “livro”, ensinando-me o verdadeiro sentido de amor e propósito.

Às minhas amigas **Karen Coutinho, Flávia Lino, Mariana Santana, Amanda Marciano, Isabel Leite e Kele Silva**, por estarem presentes nos gestos e nas palavras. Cada uma, à sua maneira, foi companhia, escuta e incentivo — lembrando-me de que os grandes sonhos se tornam possíveis quando não caminhamos sozinhos.

Aos meus professores **Edgar Miranda e Helen Silveira**, que assumiram minha orientação já nos passos finais deste percurso. Com sensibilidade, respeito e dedicação, conduziram-me com sabedoria e generosidade, ajudando-me a transformar o cansaço em aprendizado e a incerteza em realização. Sua presença foi luz nesse encerramento, e por isso deixo aqui minha admiração e gratidão sinceras.

À **Turma 2024 do MPPEB**, que viveu a árdua experiência da pós-graduação com leveza, solidariedade e espírito coletivo — todos sempre atentos às necessidades que surgiam e prontos a ajudar — meu profundo agradecimento.

Ao **Colégio Pedro II**, minha segunda casa, que me oportunizou a formação continuada como instituição de ensino e pesquisa, e onde aprendi que educar é também um ato de resistência, afeto e esperança.

A todos que, de alguma forma, caminharam comigo nesta jornada, deixo minha eterna gratidão. Cada um de vocês habita, de maneira única, as páginas desta conquista.

RESUMO

MACEDO, Melânie Pereira. **Letramento e HQs: análise dos efeitos de um curso de formação de professores para a construção de práticas de letramento crítico.** 2026. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2026.

Esta pesquisa, que aconteceu no âmbito do Mestrado Profissional de Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB), foi associada à linha de pesquisa “Prática Docente e Formação continuada” e investigou de que maneira um curso de extensão EAD sobre letramento crítico através de histórias em quadrinhos (HQs) pode favorecer, na perspectiva de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, a formação de leitores críticos. O produto educacional desenvolvido - o curso “Entre Quadrinhos e Ideias: Formando Leitores Críticos com HQs” - foi concebido como resposta às demandas formativas identificadas na pesquisa e estruturado em quatro módulos no ambiente virtual *Moodle*, com leituras comentadas, atividades práticas, rodas de conversa e elaboração e aplicação de sequências didáticas em sala de aula. A pesquisa adotou a metodologia de estudo de caso, utilizando-se de instrumentos variados de geração de dados (questionários inicial e final, registro dos fóruns, gravação dos encontros síncronos, registro das atividades assíncronas e gravação dos relatos reflexivos e da roda de conversa), os quais foram triangulados a partir de uma análise temática. O estudo teve como campo um curso de extensão *on-line* oferecido a partir da Coordenadoria de Extensão do Colégio Pedro II com divulgação nacional. Dos 92 inscritos, foram incluídos como participantes específicos apenas 12 docentes dos anos iniciais. Os dados analisados indicam que o curso provocou mudanças nas concepções e práticas docentes, destacando o potencial do gênero textual em questão - histórias em quadrinhos - e as diversas possibilidades de sua utilização em sala de aula. Contudo, o estudo também apontou limitações à dimensão crítica, tais como: predominância de um repertório restrito de HQs, tendência a priorizar tarefas de expressão individual em detrimento de problematizações sistemáticas sobre estereótipos e relações de poder, além de entraves estruturais relatados, como falta de acervo e carência de formação continuada específica para o uso crítico das HQs. Fatores que restringem a consolidação de práticas de letramento crítico na rotina escolar. Como implicação central, o produto educacional (PE) se apresenta como uma iniciativa replicável e validada em primeira instância, capaz de ampliar repertório teórico-metodológico e promover mudanças nas práticas docentes quando articulado a estratégias de acompanhamento, diversificação de acervos e formação continuada. Recomenda-se o aprofundamento do PE com módulos que enfatizem seleção crítica de acervos, sequências didáticas orientadas à problematização social dos conteúdos e avaliação longitudinal de impactos na prática docente nos processos de letramento dos estudantes.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Letramento Crítico; Formação de Professores; Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Prática Docente.

ABSTRACT

This research, conducted within the Professional Master's Program in Basic Education Practices at Colégio Pedro II (MPPEB), is associated with the research line "Teaching Practice and Continuing Education" and investigated how an online extension course on critical literacy through comics can contribute, from the perspective of teachers in the early years of elementary education, to the development of critical readers. The educational product developed - the course "Between Comics and Ideas: Forming Critical Readers through Comics" - was designed in response to the training needs identified in the study and structured into four modules within the Moodle virtual learning environment, including guided readings, practical activities, discussion circles, and the design and implementation of didactic sequences in the classroom. The study adopted a case study methodology, using a variety of data generation instruments (initial and final questionnaires, forum records, recordings of synchronous meetings, records of asynchronous activities, and recordings of reflective reports and discussion circles), which were triangulated through thematic analysis. The research field was an online extension course offered by the Extension Coordination Office of Colégio Pedro II, with nationwide outreach. Of the 92 enrolled participants, only 12 teachers from the early years of elementary education were selected as specific participants. The analyzed data indicate that the course led to some changes in teachers' conceptions and practices, highlighting the potential of the textual genre—comics—and the various possibilities for its use in the classroom. However, the study also identified some limitations, such as the predominance of a restricted repertoire of comics, a tendency to prioritize individual expression tasks over systematic problematization of stereotypes and power relations, as well as reported structural constraints, including lack of resources and insufficient continuing education specifically focused on the critical use of comics. These factors limit the consolidation of critical literacy practices in the school routine. As a central implication, the educational product (EP) is presented as a replicable initiative, initially validated, capable of expanding the theoretical-methodological repertoire and promoting changes in teaching practices when combined with follow-up strategies, diversification of materials, and continuing education. Further development of the EP is recommended, with modules emphasizing critical selection of materials, didactic sequences oriented toward the social problematization of content, and longitudinal evaluation of impacts on teaching practices and students' literacy processes.

Keywords: Comics; Critical Literacy; Teacher Education; Early Years of Elementary Education; Teaching Practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo do uso de estereótipos nas HQs

Figura 2 - Exemplo do uso de simbolismo nas HQs

Figura 3 - Exemplo da representação dos sons e movimentos nas HQs

Figura 4 - Exemplo da importância do papel do leitor

Figura 5 - Panfleto digital usado na divulgação do curso

Figura 6 - Imagem do ambiente virtual Moodle criado para o curso

Figura 7 - Etapas do produto educacional

LISTA DE TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS

Tabela 1 - Mapeamento do estado do conhecimento realizado em 26/03/2025

Tabela 2 - Quantitativo de inscritos no curso

Tabela 3 - Estado de origem dos inscritos no curso

Tabela 4 - Quantitativo de inscritos que concluíram o curso por área de atuação

Tabela 5 - Rede em que atuam os participantes da amostra

Quadro 1 - Principais características do letramento crítico

Quadro 2 - Questionário inicial: Uso de Histórias em Quadrinhos na prática docente

Quadro 3 - Questionário final - avaliação do curso e impacto na prática docente

Quadro 4 - Triangulação de dados

Gráfico 1 - Os professores se sentem mais preparados após o curso?

Gráfico 2 - Professores que já tiveram acesso a formação continuada sobre o tema

Gráfico 3 - Professores que já utilizaram HQs nas suas aulas

Gráfico 4 - Frequência na qual os professores usam HQs nas suas aulas

Gráfico 5 - Mudanças percebidas na participação dos estudantes

Gráfico 6 - Mudanças na percepção sobre o uso de HQs no ensino após o curso

Gráfico 7 - Contribuição do curso nas reflexões sobre as práticas docentes

Gráfico 8 - Origem das HQs utilizadas em sala de aula pelos professores do curso

Gráfico 9 - Reação dos estudantes à utilização de HQs

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

gibi - Revista impressa com histórias em quadrinhos

HQ - História em quadrinhos

MEC - Ministério da Educação

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNBP - Programa Nacional Biblioteca do Professor

PNL - Plano Nacional do Livro

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PNLL - Plano Nacional do Livro e da Literatura

PNSL - Programa Nacional Sala de Leitura

PROPGEPC - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

SciELO - *Scientific Electronic Library Online* (Biblioteca Científica Eletrônica Online)

SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

SNC - Sistema Nacional de Cultura

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Justificativa	19
1.2. Desenho da pesquisa e organização do texto da dissertação	22
2. ENTRE BALÕES E DIRETRIZES: HQS NAS POLÍTICAS DE INCENTIVO À LEITURA E NA BNCC23	
3. MUITO ALÉM DO A-B-C: HQs PROMOVENDO A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR	29
3.1. O conceito de letramento: das habilidades de leitura e escrita às práticas sociais	32
3.2. Ler o Mundo com Olhos Atentos: O Letramento Crítico em Foco	34
3.3. Formação Leitora com HQs: O Despertar de Novos Olhares	38
4. METODOLOGIA	46
4.1. Tipo de pesquisa	46
4.2. Caracterização do campo de estudo	48
4.3. População e amostra	51
4.4. Instrumentos de geração de dados	54
4.5. Metodologia de análise de dados	57
5. RESULTADOS	58
5.1. Efeitos do curso nas práticas pedagógicas docentes	59
5.2. Práticas de Letramento Crítico a partir das HQs: limites e possibilidades	66
5.3. Discussão	75
6. PRODUTO EDUCACIONAL	80
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
8. REFERÊNCIAS	86

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como contexto o desenvolvimento de práticas docentes voltadas à formação de leitores críticos, proficientes e engajados com a transformação das relações da sociedade. Esse processo demanda a formação permanente de professores, pois o ato de ler é descrito como um processo gradual que requer tempo e esforço constante de docentes e estudantes (França, 2022). Esse aspecto caracteriza a investigação na linha de pesquisa “Prática Docente e Formação Continuada” do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB).

Essa demanda, se constitui como um desafio ao chão da escola, expresso em várias políticas que ao longo das últimas décadas têm fomentado a leitura no Brasil. Estas colocam a formação de leitores e a promoção da leitura em espaços diversos como elemento essencial para o desenvolvimento educacional e cultural do país (França, 2022). Nessas políticas públicas de fomento à leitura, destaca-se a importância da formação do leitor como elemento central e a necessidade de que essas políticas incentivem atividades de leitura que tenham foco na formação continuada dos docentes e discentes; não sendo suficiente, apenas, a distribuição de acervos para formar leitores críticos e proficientes. Para tal, parece ser fundamental um trabalho mais direcionado que envolva não apenas a disponibilidade de livros, mas também a promoção de práticas de leitura significativas (*Ibidem*).

Nesse sentido, as práticas docentes devem promover por meio da leitura a autonomia do estudante como uma ferramenta importante na formação da cidadania (Freire, 1996). Para o autor, a autonomia do estudante, nesse contexto, está diretamente relacionada à sua capacidade de "ler o mundo", de decodificar criticamente a realidade social, política e cultural na qual está inserido. A formação da cidadania surge como consequência natural desse processo de conscientização (*Ibidem*). Ao desenvolver uma leitura crítica do mundo, o indivíduo torna-se mais consciente de seus direitos e responsabilidades, apto a questionar as estruturas de poder e a lutar por uma sociedade mais justa. A compreensão crítica, desencadeada pela leitura, permite ao indivíduo libertar-se da condição de espectador passivo e assumir o papel de agente transformador.

Esse processo é assumido como um caminho possível às demandas contemporâneas, sendo situado teoricamente na presente dissertação como letramento crítico. O letramento crítico pode ser pensado como uma filosofia de vida, uma postura profissional e uma forma de interação com o mundo, não é simplesmente uma metodologia de ensino com resultados mensuráveis (Jordão, 2016). Seus pressupostos constroem uma perspectiva ontológica

respeitosa e uma epistemologia democrática, altamente produtivas no ambiente educacional. Nessa perspectiva, as práticas docentes devem incentivar o uso significativo da leitura na vida dos estudantes, garantindo o desenvolvimento da compreensão, interpretação e aplicação do conhecimento adquirido (Lerner, 2007). É fundamental focar em despertar o prazer pela leitura, permitindo que os alunos a vivenciem como uma atividade prazerosa que amplia suas perspectivas (*Ibidem*). Além disso, as atividades realizadas devem desenvolver a capacidade de interpretação e a análise crítica, relacionando os textos com seus contextos sociais e históricos, formando leitores autônomos, capazes de fazer escolhas próprias e construir significados.

Para isso, é essencial conhecer as práticas sociais de leitura, tornar explícitos os conteúdos implícitos nessas práticas e preservar o sentido dos conteúdos, fazendo com que as atividades de leitura reproduzam usos reais da linguagem e evitem a fragmentação do conhecimento (Lerner, 2007).

Contudo, o desenvolvimento de práticas de letramento crítico na escola enfrenta desafios complexos e interrelacionados. Segundo Costa (2012), embora documentos oficiais e políticas públicas defendam ideias como multiletramento e letramento crítico, essas orientações têm pouca repercussão na formação inicial.

As iniciativas governamentais podem contribuir para dar novos rumos à educação e à escola, mas elas não surtem efeito automaticamente. Isso quer dizer que a publicação e a eventual leitura dos documentos publicados pelas secretarias do MEC, assim como a adoção dos livros didáticos selecionados pelo PNLD, não são suficientes para que novas concepções de linguagem, ensino e aprendizagem sejam postas em prática nas salas de aula do ensino regular (Costa, 2012, p. 3).

Costa (2012) observa que a formação inicial dos professores tende a fragmentar saberes entre disciplinas teóricas e práticas e privilegiar a transmissão de conteúdo, mantendo uma divisão que impede a integração entre “aprender” e “aprender a ensinar”. Isto faz, segundo ele (Costa, 2012), com que os futuros professores saiam da universidade com muitos conhecimentos teóricos, mas sem vivência pedagógica integrada que lhes permita transformar teoria em ação, pois não desenvolvem o repertório teórico-prático necessário para promover leitura crítica, trabalhar gêneros multimodais e problematizar relações de poder e cultura nas práticas letradas.

O avanço das tecnologias também surge como um desafio a ser superado no que envolve o letramento crítico na escola. Costa (2012) explica que as formas de ler mediadas por telas exigem competências que ainda não estão incorporadas sistematicamente à formação inicial, gerando insegurança para integrar essas ferramentas e discutir suas implicações sociais

e culturais. Assim, muitos professores se sentem mais confortáveis ao adaptar materiais a rotinas conhecidas, em vez de promover mudanças pedagógicas mais profundas (*Ibidem*).

Segundo Costa (2012), esses alunos já nascem e crescem na era digital e, fora da escola, passam a usar a escrita de formas informais e atraentes — *e-mails*, *chats*, *blogs* e redes sociais, por exemplo — que nem sempre coincidem com as práticas escolares. Essas atividades, privadas e voluntárias, costumam ser mais interessantes para eles do que os formatos padronizados que a escola oferece, o que contribui para o desinteresse pelas formas tradicionais de leitura e escrita ensinadas em sala de aula: “Para esses alunos deve ser muito difícil ler e escrever do jeito que a escola quer, seguindo a lógica do texto no papel, sobretudo porque não consideram útil nem necessário usar a escrita dessa forma (Costa, 2012, p. 17).”

Apesar desses desafios, enxergo a partir da minha experiência docente a possibilidade de combinação de uma abordagem pedagógica que valorize a construção de sentidos, a crítica social e a participação ativa dos estudantes. Reconheço nas histórias em quadrinhos (HQs) uma forma de narrativa gráfica com capacidade textual e imagética de transmitir ideias em uma forma única de leitura, onde o leitor não apenas absorve informações, mas também participa ativamente da construção do significado, refletindo a ideia de que a interpretação é um processo colaborativo e social.

Sou professora há quatorze anos, nove deles dedicados à escola pública. Enquanto educadora, sempre busco levar para a sala de aula temas e práticas que se adequem ao interesse dos meus estudantes, pois, baseando-me em Paulo Freire (2021), considero importante que o conteúdo ensinado esteja relacionado à vivência, à cultura e ao contexto social dos estudantes.

Em minha prática com turmas de alfabetização, as histórias em quadrinhos (HQs) têm despertado meu interesse pelas possibilidades que oferecem como gênero textual complexo. Desde que passei a incorporá-las às atividades desenvolvidas em sala de aula, tenho percebido um maior envolvimento dos estudantes, especialmente daqueles que se encontram nos primeiros passos da alfabetização. Por articular diferentes linguagens e modos de significação, como linguagem verbal, visual e os elementos próprios da narrativa gráfica, as HQs ampliam as possibilidades de construção de sentidos, mobilizam múltiplas estratégias de leitura e contribuem para o desenvolvimento das capacidades leitoras.

Percebo que a identificação com os personagens e as situações do enredo tornam o aprendizado mais acessível e envolvente, uma vez que as crianças podem passar a associar as expressões e diálogos das HQs com a linguagem oral e a escrita de forma fluida. Além disso, o uso de ilustrações permite que interpretem contextos e compreendam a narrativa mesmo antes de terem dominado completamente o código alfabético.

Esses elementos, observados em minha prática, levam-me a considerar que as histórias em quadrinhos também criam condições que incentivam o compartilhamento e a troca de ideias entre os estudantes, que gostam de compartilhar suas interpretações e seus personagens favoritos que, se direcionados e trabalhados em sala de aula por docentes preparados, carregam consigo condições para estimular o desenvolvimento do pensamento crítico. Na escola, os gibis da Turma da Mônica, por exemplo, aparecem como um dos quadrinhos mais conhecidos pelos estudantes da faixa etária em que trabalho. Conhecer os gibis, os personagens, os cenários, as piadas, já é, por si só, uma forma de interagir e ler as revistinhas. A partir dessa vivência, conseguimos aproximar os estudantes do mundo da escrita, criar novos personagens, trabalhar a escrita de nomes e palavras, ler, escrever frases, contar histórias e interpretar textos e imagens.

Logo, percebo que as HQs parecem servir de apoio à alfabetização/letramento por serem capazes de proporcionar uma experiência de leitura agradável e significativa, trazendo em si elementos fundamentais para formar leitores curiosos, autônomos e críticos.

Contudo, em minha experiência docente, não raro, observo crianças que gostam de ouvir histórias, mas quando têm livre acesso ao livro, algumas não demonstram tanto interesse e dizem que não sabem ler, têm preguiça, acham chato ou não querem. Porém, vejo que essas mesmas crianças, que não aceitam ou não buscam uma leitura autônoma, sempre que têm a oportunidade, estão com um gibi nas mãos ou sob a mesa, mostrando imagens aos colegas ou conversando sobre algum quadrinho, mas sem uma orientação específica dos elementos que os compõem.

No caso, entendo que o trabalho com tirinhas e histórias em quadrinhos requer também uma ação pedagógica de familiarização com a linguagem própria desse gênero textual, para que apreendam os sentidos dos balões, das onomatopeias que expressam sons e das linhas cinéticas que indicam movimento. Tudo isso favorece a utilização desse tipo de texto no processo de letramento.

Por ser um gênero textual que os estudantes têm contato muito antes de lerem e escreverem e que faz parte do contexto social e cultural em que vivem, os docentes têm em mãos um meio significativo que pode ser ampliado em sua função social, servindo como mecanismo de compreensão dos elementos contextuais, sociais e políticos que implicam na realidade retratada.

De acordo com Waldomiro Vergueiro (2017), as histórias em quadrinhos (HQs) foram, por muito tempo, consideradas por professores e pais como um material que incentivava a “preguiça mental”, destinado apenas ao lazer e sem valor educativo. Acreditava-se que as

HQs poderiam desviar o interesse das crianças dos livros didáticos convencionais. Por essas razões, seu uso na educação foi amplamente evitado e até proibido durante muitos anos.

A pedagoga Adah Kethlyn Braz (2021) em seu estudo argumenta que o formato visual e dinâmico das HQs torna a leitura mais atraente, especialmente para crianças e jovens. Segundo ela, as HQs são acessíveis e cativantes, têm histórias simples e divertidas, personagens coloridos e carismáticos, atraem as crianças desde cedo e estimulam o interesse pela leitura.

Reconhecendo essa potencialidade e necessidade formativa dos professores para a promoção de práticas de letramento crítico a partir das HQs, formulamos a seguinte questão de pesquisa: De que maneiras um curso sobre histórias em quadrinhos, usadas como material literário, pode favorecer, na perspectiva de professores dos anos iniciais, o processo de formação de leitores críticos?

Para viabilizar esta pesquisa foi proposto um curso de extensão à distância com atividades *online* - síncronas e assíncronas. O curso de extensão teve carga horária de 20h, distribuídas em quatro encontros que versaram sobre - introdução ao letramento e ao letramento crítico; estratégias de leitura crítica com histórias em quadrinhos (HQs); criação de projetos interdisciplinares que envolvem HQs e temas atuais; reflexão sobre a prática pedagógica e os resultados alcançados. O curso discutiu teorias e práticas pedagógicas acerca da formação do leitor crítico por meio da leitura das HQs.

Nesse contexto empírico, buscamos, a partir do problema de pesquisa, **compreender os efeitos de um curso de extensão sobre histórias em quadrinhos para a constituição de práticas de formação de leitores críticos a partir da percepção de professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. Esse objetivo geral desdobrou-se em objetivos específicos, a saber:

- Oferecer o curso de extensão *Entre Quadrinhos e Ideias: Formando Leitores Críticos com HQs* voltado para a formação de professores, com foco na utilização de histórias em quadrinhos como recurso pedagógico para a formação de leitores críticos;
- Analisar as compreensões dos professores sobre o letramento crítico e o uso das HQs no contexto escolar;
- Propor atividades que incentivem os professores a refletirem criticamente sobre suas práticas de ensino e a importância das histórias em quadrinhos na formação de leitores;

- Analisar as possibilidades pedagógicas de estímulo ao hábito de leitura por meio do trabalho com histórias em quadrinhos, elaboradas junto aos docentes durante o curso de extensão;
- Avaliar os efeitos do curso de extensão na formação dos professores, analisando mudanças em suas percepções e práticas pedagógicas em relação ao uso de histórias em quadrinhos.

1.1. Justificativa

A presente pesquisa justifica-se por suas contribuições a três dimensões centrais, a saber: profissional, social e acadêmica. No que se refere à dimensão profissional, pretendeu-se ampliar o repertório de educadores por meio de discussões, estratégias e atividades que fomentem o hábito de leitura nos estudantes pelo uso de histórias em quadrinhos e, conseqüentemente, suscitar uma participação cidadã desejavelmente mais consciente por parte dos estudantes. Paulo Ramos (2009) afirma que muitos professores não estão familiarizados com a linguagem dos quadrinhos e seus recursos expressivos, o que dificulta sua utilização em sala de aula. Assim, a formação específica promovida pela pesquisa contribuiu para o uso pedagógico dos quadrinhos. Além disso, contribuiu para o atendimento, pelas práticas docentes, de demandas das políticas educacionais, já que as histórias em quadrinhos (HQs) são contempladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) como um conteúdo obrigatório na Educação Básica, especialmente na área de Linguagens. A BNCC (Brasil, 2018) reconhece o valor educativo das HQs, destacando seu papel na formação cultural dos alunos e na promoção de experiências de leitura significativas no ambiente escolar (Braz, 2021). Essa inclusão parece refletir um movimento maior de reconhecimento das HQs como recurso educacional, superando preconceitos históricos que parecem ainda existir em relação a este gênero.

De acordo com Braz (2021), as HQs desempenham um papel importante na formação de novos leitores, pois combinam elementos verbais e visuais que facilitam a interpretação e compreensão de diferentes tipos de texto. Esse aspecto é especialmente relevante em contextos educacionais, nos quais a competência leitora vai além da compreensão de textos verbais e abrange também a leitura de imagens e de outros símbolos.

Além disso, Braz (2021) argumenta que o formato visual e dinâmico das HQs torna a leitura mais atraente, principalmente para crianças e jovens. A junção de ilustrações com narrativas curtas capta a atenção dos leitores, tornando a experiência de leitura mais envolvente e prazerosa. A exposição a histórias e estilos narrativos variados também estimula a criatividade dos jovens, incentivando-os a se expressarem por meio da escrita, arte ou outras

formas criativas. Esses elementos constituem contribuições efetivas às práticas docentes.

No aspecto social, as HQs podem abordar diferentes temáticas, dentre elas as sociais, culturais e políticas, o que proporciona um espaço para a reflexão crítica e o desenvolvimento de habilidades de análise e argumentação, essenciais para a formação de cidadãos críticos e conscientes (Braz, 2021). As histórias em quadrinhos trazem em si diversas vozes e experiências, possibilitando a promoção da inclusão e empatia, já que os leitores se sentem representados e podem ampliar suas perspectivas culturais.

Academicamente, apesar do crescente interesse, ainda há uma produção científica limitada sobre o uso de quadrinhos na educação. Esse apontamento se baseia em uma breve pesquisa sobre o estado do conhecimento que fiz sobre a temática abordada. No caso, buscamos mapear a produção acadêmica e a revisão crítica do conhecimento, identificando quais aspectos e dimensões têm sido destacados e privilegiados ao longo do tempo e em diferentes contextos (Ferreira, 2002).

Para isso, utilizei quatro conhecidas plataformas digitais com acervos de produções acadêmicas. São elas: *Google Acadêmico*, portal da CAPES, SciELO e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). Primeiro a busca restringiu o uso desses termos e palavras aos títulos dos textos e, numa segunda etapa, considerei a ocorrência dos mesmos em qualquer parte do trabalho.

A seguir, estão os números levantados de acordo com os termos utilizados para a busca.

Tabela 1: Mapeamento do estado do conhecimento

BUSCA	TERMOS <u>no título</u>	RESULTADOS OBTIDOS			
		Google Acadêmico	Portal da CAPES	SciELO	BDTD
1	letramento	15800	3446	297	2238
2	letramento + “anos iniciais”	404	125	2	44
3	“letramento crítico”	653	184	17	200
4	“letramento crítico”+ “anos iniciais”	1	0	0	1
5	“letramento crítico” + “anos iniciais” + “histórias em quadrinhos”	0	0	0	0
6	“letramento crítico” + “anos iniciais” + “histórias em quadrinhos” + “formação de leitores”	0	0	0	0
BUSCA	TERMOS <u>em qualquer parte do texto</u>	RESULTADOS OBTIDOS			

		Google Acadêmico	Portal da CAPES	SciELO	BDTD
1	letramento	321000	6992	663	6447
2	letramento + “anos iniciais”	16900	290	11	593
3	“letramento crítico”	5750	386	55	1991
4	“letramento crítico”+ “anos iniciais”	851	2	0	174
5	“letramento crítico” + “anos iniciais” + “histórias em quadrinhos”	111	1	0	3
6	“letramento crítico” + “anos iniciais” + “histórias em quadrinhos” + “formação de leitores”	43	0	0	0

Fonte: elaboração da autora. Levantamento feito em 26/03/2025.

Ao pesquisar nos bancos de teses e dissertações pelo termo **“letramento”** aparecem milhares de documentos que falam sobre o tema a partir de diferentes óticas, em variados níveis de escolaridade.

Pensando em restringir um pouco mais as possibilidades, adicionei ao filtro o termo **“anos iniciais”**, além de especificar **“letramento”** usando o termo **“letramento crítico”** que restringiria um pouco mais as possibilidades. Ainda assim, muitos resultados foram encontrados.

No entanto, quando combinados os termos **“letramento crítico”** e **“anos iniciais”**, a redução de resultados é drástica. Considerando o título das obras, o *Google Acadêmico* e o BDTD encontram apenas um título cada. Desses dois trabalhos, nenhum deles discute a formação de leitores usando histórias em quadrinhos.

Os terceiro e quarto filtros **“histórias em quadrinhos”** e **“formação de leitores”** restringem ainda mais os resultados e nenhuma plataforma encontra trabalhos com esses termos combinados no título. Considerando a ocorrência em qualquer lugar da obra, aparecem 43 ocorrências no *Google Acadêmico*. Dentre esses textos, estão trabalhos sobre ensino de língua estrangeira, educação de jovens e adultos, anos finais e disciplinas específicas.

A partir do levantamento do estado do conhecimento realizado, compreendo que a produção acadêmica sobre a temática se concentra, predominantemente, em artigos e trabalhos voltados ao relato de experiências e a discussão de possibilidades de trabalho com histórias em quadrinhos no contexto escolar. Entre os estudos identificados, destacam-se a pesquisa de Braz (2021), que contribuiu para reflexão acerca da especificidade educativa das HQs no contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e o trabalho de Tanino (2011), que apresentou

possibilidades metodológicas para a utilização desse gênero em práticas de ensino. Esses estudos dialogaram com a presente pesquisa ao fornecerem elementos para compreensão das potencialidades dos quadrinhos no contexto educacional e ao evidenciarem caminhos já percorridos pela produção acadêmica.

Entretanto, o levantamento também revelou que ainda são escassas as pesquisas, especialmente em nível de pós-graduação, que investigam de forma aprofundada a contribuição das histórias em quadrinhos para a formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa lacuna, somada às inquietações que atravessam minha prática docente, reforçou a relevância e a necessidade da presente pesquisa, que busca ampliar essa discussão ao analisar as HQs como um gênero textual complexo e suas contribuições para a formação do leitor crítico.

1.2. Desenho da pesquisa e organização do texto da dissertação

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com delineamento do tipo estudo de caso exploratório, por possibilitar a compreensão contextualizada de um fenômeno educacional contemporâneo: a formação de leitores críticos nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir do uso de histórias em quadrinhos (HQs) como recurso didático. Esse desenho metodológico mostrou-se adequado para investigar as concepções e práticas docentes em seu contexto real, articulando dados empíricos provenientes de uma intervenção formativa com o referencial teórico do letramento crítico.

O campo empírico e o produto educacional desta pesquisa constituíram-se de um curso de extensão intitulado *Entre Quadrinhos e Ideias: Formando Leitores Críticos com HQs*, ofertado pelo Colégio Pedro II, na modalidade EAD, por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*. O curso foi divulgado em plataformas institucionais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, o que possibilitou a participação de docentes, licenciandos e técnicos educacionais de diferentes regiões, configurando um campo de observação diversificado.

O curso ocorreu em outubro de 2025, com carga horária de 20 horas, distribuídas em quatro módulos. Houve 92 inscritos. A amostra analítica foi composta por professores dos anos iniciais do ensino fundamental que aceitaram participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), participaram de todas as etapas do curso e obtiveram frequência superior a 75%. A geração de dados envolveu diferentes instrumentos, visando à triangulação, a saber: questionário diagnóstico inicial e questionário final de avaliação, ambos com questões abertas e fechadas; registros de participação nos fóruns do AVA; gravações e transcrições de rodas de conversa síncronas; e as propostas didáticas elaboradas pelos cursistas. O questionário inicial permitiu mapear expectativas e práticas

prévias; as interações síncronas e assíncronas favoreceram a observação de processos reflexivos; e as propostas didáticas possibilitaram analisar a materialização das compreensões teóricas em práticas de ensino.

O percurso formativo compreendeu as seguintes etapas: divulgação e seleção dos participantes; aplicação do questionário diagnóstico; oferta de conteúdos teóricos sobre letramento crítico, multimodalidade e linguagem das HQs; realização de atividades assíncronas e encontros síncronos em formato de rodas de conversa; elaboração e submissão das propostas didáticas; e aplicação do questionário final. O *Moodle* foi utilizado tanto como mediador das interações formativas quanto como fonte de registros para a pesquisa.

A análise dos dados combinou procedimentos descritivos, a partir dos questionários, e análise qualitativa mediante leitura e codificação temática dos dados textuais. A triangulação de fontes foi adotada como estratégia para fortalecer a confiabilidade interpretativa do estudo. Para apresentar esse processo, a dissertação organiza-se em capítulos que refletem esse percurso investigativo. A introdução apresenta o tema, a justificativa, a pergunta de pesquisa e os objetivos. O capítulo seguinte analisa documentos curriculares e políticas públicas, discutindo suas implicações para práticas de letramento crítico com HQs. O referencial teórico aborda alfabetização, letramento e letramento crítico, letramento multimodal e visual, e o uso pedagógico das histórias em quadrinhos.

O capítulo metodológico detalha o desenho da pesquisa, o contexto, os participantes, os instrumentos e os procedimentos de geração e análise de dados. A análise dos resultados articula os dados empíricos ao referencial teórico, discutindo possibilidades e limites da incorporação das HQs no cotidiano escolar. As considerações finais sintetizam as contribuições do estudo, apresentam suas limitações e indicam encaminhamentos para pesquisas futuras e para a formação docente.

Este caminho, permitiu analisar as percepções e práticas docentes a partir do curso de extensão, compreendido como campo empírico e produto educacional da pesquisa, evidenciando em que medida essa experiência formativa favoreceu a incorporação de práticas de letramento crítico com histórias em quadrinhos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2. ENTRE BALÕES E DIRETRIZES: HQS NAS POLÍTICAS DE INCENTIVO À LEITURA E NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) é o principal documento normativo que orienta a constituição curricular da educação básica no Brasil — da Educação Infantil ao Ensino Médio — e foi homologada como política pública nacional. A BNCC define competências e habilidades que as escolas devem desenvolver, incluindo competências

relacionadas à leitura, à interpretação crítica de textos e ao exercício da cidadania. Embora o termo “letramento crítico” não apareça formalmente no texto legal, esses objetivos estão presentes de maneira transversal, especialmente nas áreas de Linguagens e de Ciências Humanas e Sociais, o que abre espaço para o trabalho com práticas de leitura crítica e análise textual no currículo.

Nessa direção o documento explicita, entre suas competências gerais, a centralidade da argumentação e do posicionamento crítico no processo formativo dos estudantes, ao propor que sejam capazes de

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (Brasil, 2017, p. 9)

A Política Nacional de Alfabetização (PNA) (Brasil, 2019), por sua vez, atua principalmente no início do processo de leitura e escrita. Focada nas práticas fundamentais de alfabetização, não estrutura o “letramento crítico” como política autônoma, mas, em conjunto com a BNCC, cria um ambiente em que competências críticas podem ser pensadas desde os anos iniciais.

Há ainda outras normas que reforçam a atenção a práticas de leitura reflexiva e à formação cidadã. A Lei 10.639/2003, por exemplo, torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, incentivando reflexões sobre identidade, memória e relações de poder — elementos que dialogam com propostas de letramento crítico e poderiam ser articulados, inclusive, com o uso de histórias em quadrinhos (HQs) em contextos didáticos.

Para compreender o impacto das políticas públicas de incentivo à leitura no país e como as histórias em quadrinhos (HQs) aparecem nelas, ou não, é essencial realizar uma análise da evolução histórica e das transformações pelas quais essas políticas passaram. Desta forma, farei a seguir um breve apanhado das políticas implementadas desde a década de 1980.

Entre 1984 e 1997, o Brasil implementou diversos programas nacionais de incentivo à leitura, com resultados variados. O Programa Nacional Sala de Leitura (PNSL) (1984-87) focou na distribuição de acervos e recursos financeiros para escolas, embora seu impacto seja difícil de avaliar. O Proler (1992) visou aumentar o interesse pela leitura e articular ações entre setores da sociedade, mas enfrentou desafios políticos e apresentou impacto limitado, segundo França (2022). O Pró-leitura (1992-96) contribuiu significativamente para a formação docente, mas teve curta duração. Por fim, o Programa Nacional Biblioteca do Professor (PNBP) (1994-97) distribuiu acervos e materiais para professores, sendo

posteriormente incorporado ao PNBE em 1997. Apesar de iniciativas diversas, até aqui nenhum dos programas incluiu as histórias em quadrinhos (HQs) como material literário.

Em 1997, O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) incorporou o PNPB e manteve a distribuição dos acervos às bibliotecas escolares até 2001, quando passou a distribuir os títulos aos estudantes com o projeto *Literatura em Minha Casa*. Estudantes da 4ª série das escolas públicas receberam 5 livros de gêneros diversificados. Em 2003/04, a distribuição foi ampliada e passou a contemplar estudantes de 4ª à 8ª série e Formandos do Curso de Educação de Jovens e Adultos. Em 2004, durante o primeiro governo do Presidente Lula, o *Literatura em Minha Casa* foi extinto e os acervos voltaram a ser fornecidos às bibliotecas escolares, na intenção de retomar a valorização desses espaços.

Neste último programa, em 2006, as HQs aparecem pela primeira vez na lista de compras. Vergueiro e Ramos (2009) explicam que, apesar da ausência de critérios de seleção explicitados pela Secretaria de Educação Básica, o interesse em quadrinhos era mencionado entre os gêneros literários listados. Segundo os autores (2020), “o edital previa a compra de livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas para o público jovem (p.17)”.

Em 2008, uma pesquisa de campo realizada pelo MEC para avaliação do PNBE concluiu que apenas o envio de obras não era suficiente (França, 2022). Em muitas escolas não havia espaço físico para bibliotecas e naquelas em que havia, não eram usados para esse fim por falta de bibliotecário. Em algumas escolas, inclusive, foram encontrados acervos ainda encaixotados e sem uso. Um dos desafios apontados pela pesquisa foi a formação continuada e sugestões reiteradas de educadores por formação específica para a utilização adequada dos acervos.

Em paralelo a isso, o Plano Nacional do Livro (PNL, 2003), também conhecido como "Lei do Livro", visava garantir o acesso ao livro e incentivar a leitura. Ele deu origem ao Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL, 2006), que estabeleceu diretrizes para uma política pública abrangente, baseada em quatro pilares: democratização do acesso ao livro, estímulo à leitura e formação de mediadores, valorização do livro e da comunicação, e desenvolvimento da Economia do Livro. O PNLL buscava combater o analfabetismo funcional e as dificuldades de leitura, mas sofreu um significativo desmonte durante o governo Bolsonaro (2019-2022), com a extinção do Ministério da Cultura e do Conselho Executivo do PNLL, e a redução da participação da sociedade civil (Gonçalves; Santos, 2023).

Com a extinção do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) em 2017, foi criado o PNLD Literário, um “braço” do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), estabelecido pelo Decreto nº 9.099/2017. O PNLD Literário mantém a característica de distribuição gratuita de livros e tem como objetivo unificar as iniciativas de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, que anteriormente eram realizadas separadamente pelo PNLD (livros didáticos) e pelo PNBE (livros literários). Hoje, esse programa atende a diversas instituições de ensino público em todas as esferas, bem como instituições comunitárias, confessionais e filantrópicas sem fins lucrativos em parceria com o poder público.

Uma característica distintiva do PNLD Literário em comparação com o programa anterior (PNBE) é que a seleção dos livros é feita pelos professores em conjunto com a equipe pedagógica de cada escola. O professor tem a responsabilidade de analisar e selecionar as obras literárias com as quais pretende trabalhar, permitindo adaptar a escolha de literatura aos diferentes contextos e realidades das escolas públicas brasileiras, incluindo escolas indígenas e quilombolas, bem como aos projetos específicos de cada unidade escolar. Além disso, O PNLD literário também apresenta uma ampla gama de gêneros literários, incluindo as adaptações em HQs. A diversidade temática inclui obras clássicas e contemporâneas, nacionais e estrangeiras, além de uma significativa representação de autores contemporâneos emergentes.

Segundo Gonçalves e Santos (2023), o PNLD também sofreu intervenções durante o governo de Jair Bolsonaro com ações moralistas e sem fundamento a partir da censura de determinados assuntos.

Desse modo, ficaram de lado questões pontuais e importantes que vêm sendo discutidas na atualidade em busca da transformação de pensamentos e comportamentos opressores, excludentes e desumanos. Essas ações denotam o perfil do governo do presidente Jair Bolsonaro quanto à postura intolerante em relação à diversidade religiosa, à liberdade de gênero e também com relação ao combate à violência contra mulheres na sociedade atual. Além disso, a supressão explícita de termos como diversidade e democracia no documento escancara uma aversão ao respeito à diversidade e à manutenção da democracia. O trecho reúne questões de extrema importância, tão discutidas na atualidade, que respondem a lutas de grupos sociais oprimidos e que, de forma alguma, poderiam ser excluídas de um edital de convocação de editoras cujas obras da literatura infantil e juvenil, possivelmente, circularão nos espaços escolares. (Gonçalves; Santos, 2023, p.303)

Em 2019, o programa *"Ler pra Mim"* visava incentivar a leitura em família, fortalecendo laços e o desenvolvimento infantil. No entanto, segundo França (2022) e

Gonçalves e Santos (2023), o programa foi criticado por sua implementação sem diálogo com a sociedade civil e por sua abordagem considerada limitada e simplista, desconsiderando a realidade socioeconômica de muitas famílias brasileiras e idealizando um modelo familiar irreal. Por isso, a eficácia do programa em promover o gosto pela leitura foi questionada.

Por fim, em julho de 2018, foi aprovada a Lei 13.696/18, a Lei da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE). A origem do projeto de lei, também conhecido como “Lei Castilho”, remonta a uma sugestão do conselho do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que era presidido na época por José Castilho Marques Neto. A proposta tinha como objetivo fortalecer o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) dentro do contexto do Sistema Nacional de Cultura (SNC), além de promover outras políticas de incentivo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do país.

O objetivo principal da lei é “promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil” (Brasil, 2018). Seu discurso valoriza o hábito de leitura como solução para o fim da desigualdade social e a construção de uma sociedade igualitária.

Porém, nos anos que sucederam sua aprovação, até o fim do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, houve uma série de retrocessos e nenhum movimento foi feito para garantir a regulamentação da mesma. Segundo Gonçalves e Santos (2023), essas ações evidenciam as estruturas de controle relacionadas ao poder, ao conhecimento e à identidade, que estão profundamente enraizadas nas práticas de gestão do governo em questão.

Simultaneamente, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) foi homologada com prazo de implementação em todas as escolas do Brasil até 2020. O documento tem como objetivo estabelecer uma base comum de conhecimentos, habilidades e competências para todos os alunos brasileiros, definindo o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (Brasil, 2017).

Na BNCC (Brasil, 2017) as histórias em quadrinhos aparecem de forma tímida e são citadas apenas cinco vezes nos capítulos que falam dos anos iniciais do ensino fundamental. No componente curricular de Língua Portuguesa de 1º a 5º ano os “quadrinhos” aparecem listados dentre diversos gêneros que definem o “campo artístico-literário”.

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas,

poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (Brasil, 2017, p.96)

As histórias em quadrinhos aparecem especificamente citadas em uma habilidade a ser desenvolvida durante todas as séries dos anos iniciais do ensino fundamental: “(EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias)” (p. 97).

Além disso, volta a aparecer como exemplo, acompanhado de outros gêneros em objetivos de habilidades de 1º, 2º e 5º anos.

Habilidades - LP 1º e 2º anos:

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. (p. 103)

Habilidades - LP 5º ano:

(EF05LP18) Roteirizar, produzir e editar vídeo para *vlogs* argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, games etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto/finalidade do texto. (p. 127)

(EF05LP20) Analisar a validade e força de argumentos em argumentações sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, games etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos. (p. 127)

A BNCC apresenta as histórias em quadrinhos (HQs) no Ensino Fundamental como um recurso didático multifacetado, integrando-as a diferentes componentes curriculares (Brasil, 2017). As HQs não aparecem como um gênero isolado, mas sim como um recurso que contribui para o desenvolvimento de habilidades em diversas áreas.

Segundo Braz (2021), na BNCC as HQs são consideradas um gênero textual multimodal que exige do leitor a compreensão de linguagem verbal e visual, contribuindo para a construção de sentidos e o desenvolvimento de competências leitoras.

A análise demonstra que a BNCC ainda explora pouco o potencial das histórias em quadrinhos (HQs) nos anos iniciais do Ensino Fundamental e não reconhece que precisa dialogar com os interesses e repertórios dos alunos. As HQs não são apenas entretenimento — são ferramentas de formação crítica, cultural e linguística. Ignorá-las é desperdiçar uma ponte poderosa entre o universo infantil e o conhecimento escolar.

É preciso uma maior integração e investimento para promover a leitura crítica e o desenvolvimento de habilidades leitoras por meio desse recurso multifacetado. A falta de diálogo com a sociedade civil e a influência de fatores políticos e ideológicos também se

configuram como obstáculos para a efetiva promoção da leitura no Brasil, especialmente considerando a exclusão de temas relevantes para a diversidade e a inclusão social.

3. MUITO ALÉM DO A-B-C: HQs PROMOVENDO A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

A alfabetização, compreendida como o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, possibilita à criança o ingresso na cultura escrita (Soares, 2023). Para isso, o estudante precisa entender que a escrita alfabética é um sistema de representação da linguagem, no qual os fonemas de fala são representados por diferentes formas ortográficas. Assim, a criança precisa aprender as correspondências entre os fonemas e suas representações ortográficas, compreendendo que essas relações nem sempre são diretas ou unívocas. Esse conhecimento é construído gradualmente à medida que a criança interage com diferentes práticas de leitura e escrita em seus contextos sociais, atribuindo sentidos aos usos e às funções da linguagem escrita.

Trata-se, portanto, de um processo que vai além do domínio técnico do código escrito, sendo caracterizado por Soares (2023) como uma aprendizagem complexa que se inicia com a compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética e se amplia até a capacidade de utilizar a leitura e escrita como práticas sociais de interação com o mundo.

Concomitantemente à alfabetização, ocorre o processo de letramento. Segundo Magda Soares (2023), o letramento é um processo social que vai além do domínio do código alfabético, envolvendo a capacidade de usar a escrita em práticas sociais e sendo impulsionado pelas demandas sociais e culturais da escrita. A autora argumenta que a invenção da escrita surgiu como resposta a necessidades sociais, como a organização das

cidades, o comércio e a administração pública. Da mesma forma, o letramento se desenvolve a partir da necessidade de usar a escrita em diferentes contextos e para diferentes propósitos. A alfabetização e letramento são considerados, então, processos indissociáveis e interdependentes, que devem ser desenvolvidos de forma simultânea e integrada (Soares, 2023).

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferentes; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos orais, de práticas sociais de leitura e escrita. (Soares, 2023, p.27)

Nessa perspectiva, Soares (2023) destaca o papel central do texto no processo de alfabetização e letramento. Ela argumenta que o texto é o eixo que possibilita a articulação integrada desses dois processos, pois a leitura e a interpretação de textos, bem como a sua escrita, são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades de leitura, compreensão e produção textual, tanto em situações escolares quanto em contextos sociais mais amplos. Por isso, a escolha dos textos é crucial, devendo levar em conta o nível linguístico e cognitivo das crianças, bem como seu interesse e motivação. Assim, é papel da escola oferecer uma variedade de gêneros textuais, permitindo que as crianças se apropriem de diferentes usos da escrita em diferentes contextos (Soares, 2023).

As tirinhas e histórias em quadrinhos são exemplos de gêneros textuais que podem ser usados no processo de alfabetização e letramento, mas com ressalvas importantes, segundo Soares (2023). Ela não as apresenta como uma abordagem única ou ideal, mas sim como um recurso que, se bem utilizado, pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Em um quadro intitulado “Gêneros preferenciais para *leitura* no ciclo de alfabetização e letramento”, a autora descreve as “histórias em quadrinhos e tirinhas” como textos narrativos que

[...] incentivam a criança a relacionar o verbal e o visual. Como as relações entre os quadrinhos muitas vezes ficam implícitas, alguns podem ser difíceis para as crianças, por isso a escolha deve ser criteriosa, buscando tirinhas ou histórias em quadrinhos em que essas relações estejam no nível de desenvolvimento cognitivo da criança” (Soares, 2023, p 212).

Nesse sentido, Eisner (2005) também sugere que HQs podem ser benéficas para o processo de aquisição da leitura e da escrita, já que combinam texto e imagem, o que pode facilitar a compreensão e a interpretação de narrativas, especialmente para leitores mais jovens ou aqueles que estão em processo de alfabetização. Segundo ele, “o processo de leitura dos quadrinhos é uma extensão do texto. No caso do texto, o ato de ler envolve uma

conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens (Eisner, 2005, p. 9)”

Corroborando a visão de Magda Soares, apresentada anteriormente, Emília Ferreiro (2015) define alfabetização de forma multifacetada, contrastando-a com as visões tradicionais. Ela também rejeita a concepção de alfabetização como mera aquisição de uma técnica de codificação/decodificação, argumentando que se trata de algo muito mais amplo: a compreensão de um *modo particular de representação da linguagem*.

[...] há uma diferença fundamental entre a concepção tradicional, que considera que o primeiro passo na aquisição da língua escrita é a aquisição de uma técnica de codificação/decodificação, e a caracterização desse processo de aquisição com a compreensão de um *modo particular de representação da linguagem* (Ferreiro, 2015, p. 60)

Ferreiro (2015) argumenta que a alfabetização é um processo contínuo e não um evento singular, exigindo, portanto, que a sala de aula seja um ambiente estimulante que desperte os sentidos do aluno. A autora critica a ênfase em métodos tradicionais que priorizam a repetição, em detrimento da construção ativa do conhecimento e da compreensão da função social da escrita. Assim, o papel do professor se torna fundamental para estimular o raciocínio lógico e a compreensão da função social da escrita, além de reconhecer a importância da linguagem oral e incentivar a comunicação livre.

[...] é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos (Ferreiro, 2015, p. 39)

Emília Ferreiro (2015) destaca que as crianças chegam à escola com conhecimentos prévios sobre a escrita, e que o sucesso na alfabetização depende de diversos fatores, incluindo suas próprias experiências com a linguagem escrita, que podem variar de acordo com o contexto social em que vivem. Nesse sentido, a abordagem tradicional, ao desconsiderar as construções individuais da criança, pode contribuir para o fracasso escolar.

Apesar de suas abordagens distintas, Soares (2023) e Ferreiro (2015) convergem na importância do contexto social e da construção ativa do conhecimento na aprendizagem da escrita. Ambas rejeitam a memorização de regras e a imitação de modelos como métodos eficazes de alfabetização. A diferença reside na ênfase: Magda Soares destaca a interação social como meio de compreensão do sistema de representação, enquanto Emília Ferreiro enfatiza os processos cognitivos internos da criança na construção desse conhecimento.

Na esteira das abordagens que defendem a alfabetização não é um processo de mera decodificação, Paulo Freire (2021) afirma que alfabetizar-se é construir uma compreensão

crítica da realidade, processo que se dá por meio da interação com o mundo e com a linguagem. O autor afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2021, p. 9) e defende que a compreensão crítica do mundo é fundamental para a alfabetização significativa. A leitura da palavra, para Freire (2021), não pode ser dissociada da leitura da realidade, pois a compreensão do texto depende da percepção das relações entre o texto e o contexto.

[...] as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (Freire, 2021, p. 13).

Assim, Freire (2021) enfatiza a importância de usar palavras do universo vocabular dos grupos populares, expressando sua linguagem, anseios e realidade. A alfabetização, portanto, deve partir da realidade dos alunos, permitindo que eles leiam e interpretem o mundo à sua volta, antes de se concentrarem na decodificação da palavra escrita. Interpretar essas palavras em seu sentido social, e não somente lê-las, é o que possibilita a emancipação dos sujeitos na sociedade.

Desta forma, a interação entre texto e imagem nas histórias em quadrinhos (HQs) explicada por Eisner (2005) pode ser diretamente relacionada à ideia de considerar as vivências dos alunos e trazer materiais que façam parte de seus mundos e interesses, ajudando os leitores a desenvolver habilidades leitura e interpretação de forma mais eficaz por se sentirem conectados ao conteúdo que estão estudando.

Embora os autores apresentem diferenças de ênfase e abordagem, todos convergem na crítica aos métodos tradicionais e na importância de considerar o contexto social e o papel ativo da criança na construção do conhecimento. Soares (2023), Ferreiro (2015) e Freire (2021) reforçam a importância de um ensino que valorize a construção ativa do conhecimento e a interação social. A alfabetização e o letramento devem ser processos contínuos, que respeitem as experiências prévias dos alunos e os contextos sociais em que estão inseridos. Desta forma, Eisner (2005) traz as histórias em quadrinhos como material rico que possibilita diálogo e reflexão, onde as palavras e as imagens se entrelaçam para formar significados que ressoam com a realidade dos estudantes.

Portanto, ao considerar as histórias em quadrinhos como parte do currículo, os educadores podem não apenas facilitar a aquisição da leitura e da escrita, mas também contribuir para a formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de interpretar e transformar o mundo à sua volta. A alfabetização e o letramento, assim, se tornam não apenas

um objetivo educacional, mas um caminho para a construção de uma sociedade mais justa e consciente.

3.1. O conceito de letramento: das habilidades de leitura e escrita às práticas sociais

Ao longo das últimas décadas, o conceito de letramento passou por um importante processo de ampliação. Conforme discute Cunha (2017), o termo foi incorporado aos estudos brasileiros da linguagem para diferenciar o domínio do sistema de escrita das práticas sociais que envolvem o seu uso efetivo. Nessa perspectiva, a leitura e a escrita deixam de ser compreendidas apenas como habilidades individuais relacionadas ao domínio do código e passaram a ser analisadas a partir dos diferentes contextos em que são produzidas e utilizadas.

Essa mudança teórica ampliou a compreensão do próprio ato de ler e escrever. Segundo Cunha (2017), o interesse dos pesquisadores deixou de concentrar-se exclusivamente na aprendizagem do sistema de escrita para considerar os diversos usos que a linguagem escrita assume na vida social. Assim, o letramento passa a ser compreendido como um fenômeno construído nas relações entre sujeitos, culturas e instituições, sendo continuamente ressignificado pelas experiências e pelos contextos em que se desenvolve.

Essa compreensão foi aprofundada pelos Novos Estudos de Letramento. De acordo com Street (2006), essa abordagem rompe com concepções que tratam o letramento como um conjunto de habilidades neutras e universais, capaz de produzir os mesmos efeitos em qualquer sociedade. Em contraposição, o autor propõe compreender a leitura e a escrita como práticas sociais historicamente situadas, atravessadas por valores, crenças, relações de poder e ideologias. Nessa perspectiva, os significados atribuídos ao letramento variam conforme contextos culturais nos quais essas práticas se desenvolvem.

Ao defender essa concepção, Street (2006) argumenta que não existe um único letramento válido para todas as sociedades. O autor prefere falar em práticas de letramento e em múltiplos letramentos, reconhecendo que diferentes comunidades atribuem funções, significados e valores distintos à leitura e à escrita. Como sintetiza, “há mais nas práticas de letramento do que sonha a filosofia ocidental” (Street, 2006, p. 473), indicando que as experiências de letramento não podem ser reduzidas aos modelos construídos a partir da escolarização formal nem compreendidas como universais.

Essa compreensão fundamenta a distinção proposta por Street (2006) entre dois modelos de letramento. O modelo autônomo considera que a leitura e a escrita constituem habilidades técnicas capazes de produzir consequências semelhantes em qualquer sociedade,

independentemente das condições culturais em que são desenvolvidas. Já o modelo ideológico compreende que toda prática de letramento está vinculada aos contextos sociais em que ocorre. Assim, seus significados são produzidos nas relações estabelecidas entre sujeitos, suas culturas e as instituições das quais participam.

Ao discutir diferentes experiências de letramento em distintos contextos culturais, Street (2006) argumenta que novas práticas de leitura e escrita não são simplesmente incorporadas pelos indivíduos. Em vez disso, elas são apropriadas, reinterpretadas e adaptadas às necessidades e aos objetivos de cada comunidade. Essa compreensão rompe com a ideia de que o letramento produz efeitos automáticos e universais e evidencia seu caráter social, cultural e histórico.

Além de situar o letramento como prática social, Street (2006) enfatiza que essas práticas estão diretamente relacionadas à construção das identidades e às relações de poder presentes em cada contexto. Para o autor, participar de determinadas práticas de leitura e escrita significa também assumir, negociar ou transformar identidades sociais, uma vez que os diferentes letramentos carregam valores, expectativas e formas específicas de inserção na vida coletiva. Desse modo, compreender o letramento implica reconhecer que ele está inserido em processos sociais mais amplos, que envolvem disputas simbólicas, culturais e políticas.

Nessa direção, o conceito de letramento deixa de estar associado apenas ao domínio da escrita e passa a abranger as formas de participação dos sujeitos nas práticas sociais mediadas pela linguagem. Conforme sintetiza Cunha (2017), essa compreensão amplia também o papel da escola, que deixa de restringir-se ao ensino do código escrito para favorecer a inserção dos estudantes em diferentes práticas de leitura e escrita, reconhecendo seus repertórios culturais e as múltiplas formas de produção de sentido presentes na sociedade.

Desse modo, compreender o letramento como prática social significa reconhecer que a leitura e a escrita são atravessadas por valores, identidades, relações de poder e experiências culturais. A partir das contribuições de Street (2006) e da sistematização apresentadas por Cunha (2017), o letramento pode ser entendido como um fenômeno social e culturalmente situado, cuja compreensão constitui um importante fundamento para o desenvolvimento do letramento crítico, tema abordado na seção seguinte.

3.2. Ler o Mundo com Olhos Atentos: O Letramento Crítico em Foco

O campo dos estudos do letramento tem, nas últimas décadas, deslocado seu foco de uma compreensão instrumental da leitura para abordagens contextualizadas nas práticas sociais (Sardinha, 2018). Neste movimento, a autora define o letramento crítico como a

capacidade de realizar uma leitura crítica e participativa, voltada à identificação das relações de poder, das desigualdades e das injustiças que atravessam a sociedade.

A perspectiva de leitura do LC (letramento crítico) considera que a linguagem, a identidade de cada indivíduo, o seu conhecimento, a sua cultura, as relações de poder que perpassam a vida em sociedade e o contexto em que se está inserido estão sujeitos às constantes modificações influenciadas por uma gama de valores culturais, políticos, econômicos e sociais, que também são passíveis de mudanças. (2018, p. 6)

Segundo Janks (2018, p. 23), “o ponto inicial para a aprendizagem, com vista à leitura de textos de modo crítico, é reconhecer que os textos são representações parciais do mundo” . A autora explica que o ponto de partida para formar leitores críticos é admitir que os textos não reproduzem a realidade de modo neutro ou completo. Segundo ela, quem escreve sempre faz uma escolha - consciente ou não - do que e de como escrever. Assim, o texto produzido pode reforçar ou questionar discursos e práticas convencionadas. Nesse contexto, o letramento crítico assume relevância pedagógica ao possibilitar que os docentes favoreçam a análise criteriosa das fontes de informação, a identificação de pressupostos ideológicos e a articulação entre práticas de leitura e o exercício da cidadania (*Ibidem*).

Para a autora (Janks, 2018), o poder tem atuação importante no discurso e não se manifesta apenas por meio de formas explícitas de dominação, mas opera de maneira mais sutil, participando da construção das identidades, da definição de normas sociais e da orientação das escolhas comunicativas. Nesse sentido, compreender como o poder se inscreve nos textos é fundamental para o desenvolvimento da leitura crítica, pois essa compreensão possibilita questionar discursos que influenciam crenças e práticas sociais.

Janks (2018) aponta que categorias sociais como gênero, raça, classe, língua e nacionalidade estão entrelaçadas com relações de poder, o que se traduz em desigualdades tanto no acesso a recursos quanto nas formas de visibilidade e representação. Mesmo com a ampliação dos meios de circulação da informação, persistem mecanismos de privilégio e exclusão; por isso, o letramento crítico é uma prática indispensável para capacitar leitores a identificar, questionar e confrontar discursos dominantes que silenciam ou marginalizam determinadas vozes.

Jordão (2016) entende a língua como forma de discurso e define o letramento como uma prática social voltada à produção de sentidos. Nessa perspectiva, os textos não carregam significados prontos: o sentido surge quando leitores interagem com os textos dentro de suas comunidades interpretativas. Como essas interações ocorrem em contextos marcados por hierarquias e valores culturais, o letramento crítico parte do reconhecimento de que as verdades são situadas. Assim, os sujeitos são simultaneamente agentes — capazes de intervir

e criar novos sentidos — e produtos das estruturas de poder que influenciam como ler, interpretar e valorizar diferentes discursos. A autora destaca que o valor atribuído a pessoas, saberes e práticas sociais é construído socialmente, sendo essencial que os professores reconheçam seu papel na valorização do conhecimento e na promoção da diversidade. A análise crítica das desigualdades e das exclusões sociais contribui para formar ambientes educativos mais equitativos, nos quais diferentes vozes são ouvidas e respeitadas.

Em sala de aula, o letramento crítico se concretiza por meio da colaboração e negociação entre professores e estudantes. Jordão (2016) rejeita abordagens verticalizadas e defende práticas participativas, nas quais os conteúdos sejam significativos e dialoguem com as experiências dos estudantes.

Dessa forma, o letramento crítico representa uma mudança em relação às abordagens tradicionais de ensino, promovendo o pensamento crítico, a inclusão e a construção de experiências de aprendizagem mais significativas e transformadoras.

Em consonância com Janks (2018) e Jordão (2016), Lerner (2007) ressalta que a escola deve promover o uso significativo da leitura e da escrita na vida dos estudantes, visando o desenvolvimento da compreensão, interpretação e análise crítica da realidade. Para alcançar esses objetivos, é fundamental conhecer as práticas sociais de leitura e escrita, tornar explícitos os conteúdos implícitos e preservar os sentidos dos textos, garantindo que as atividades reflitam usos reais da linguagem e evitem a fragmentação do conhecimento.

A tarefa educativa [...] supõe o esforço para formar sujeitos capazes de analisar criticamente a realidade; portanto, além de promover uma intensa participação nas práticas de leitura e escrita, a escola favorecerá um distanciamento que permita contextualizá-las e analisá-las criticamente. (Lerner, 2007, p. 66)

Nessa premissa, Lerner (2007) propõe que a escola funcione como uma microsociedade de leitores e escritores, na qual os conteúdos escolhidos dialoguem com os interesses e experiências dos alunos. Nesse contexto, o professor atua como mediador, compartilhando sua prática leitora, oferecendo diversidade de textos, ensinando estratégias de compreensão e incentivando a autoavaliação. Ainda, enfatiza a importância da autonomia do aluno, permitindo que ele selecione textos de acordo com seus interesses, o que contribui para o prazer pela leitura e para a formação de leitores críticos e independentes. A autora sugere, por exemplo, atividades permanentes ou periódicas que possibilitem aos alunos compartilhar histórias, poemas ou curiosidades científicas, promovendo a participação ativa e significativa no processo de leitura.

É importante - por exemplo - desenvolver, em cada ano escolar, atividades

permanentes ou periódicas concebidas de tal modo que cada um dos alunos tenha a possibilidade de ler uma história - a favorita, a que está muito interessado em compartilhar - para os demais, ou escolher um poema que o comova, para lê-lo a seus colegas, ou compartilhar curiosidades científicas que chamam a atenção de vários deles (Lerner, 2007, p. 68).

No entanto, se essas autoras (Sardinha, 2018; Janks, 2018; Jordão, 2016; Lerner, 2016) destacam a importância de tornar a leitura e a escrita significativas na vida dos estudantes e de desenvolver sua autonomia por meio da participação em práticas sociais, o contexto contemporâneo exige ampliar essa perspectiva para além do texto escrito. Segundo Silvino (2014), a comunicação atual ocorre por múltiplos modos, incluindo imagens, vídeos, sons e outros recursos digitais, e o avanço tecnológico intensifica a presença dessas mídias no cotidiano dos alunos. Nesse cenário, torna-se necessário desenvolver habilidades de leitura multimodal, capazes de interpretar criticamente diferentes formas de representação.

O letramento visual crítico é concebido como um desdobramento do letramento crítico, ao preparar estudantes para identificar ideologias, relações de poder e estereótipos presentes em recursos visuais e para participar ativamente da construção de sentidos socialmente relevantes (Xavier, 2015; Sardinha, 2018).

Segundo indicação presente na literatura sobre multimodalidade, a produção de sentido contemporânea não se apoia mais exclusivamente em apenas um modo de expressão; ao contrário, combina recursos verbais e visuais e organiza trajetórias de leitura tanto lineares quanto não lineares, mobilizando aspectos tipográficos, espaciais e imagéticos e elementos como som, movimento, cor e gesto — frequentemente articulados em arquiteturas hipertextuais (Xavier, 2015; Oliveira, 2006, citado em Silvino, 2014).

Como aponta Silvino, “o letramento visual permite que o indivíduo reúna as informações e ideias contidas em um espaço imagético, colocando-as no seu contexto, determinando se são válidas ou não para a construção do seu significado” (2014, p. 168).

Assim, a leitura, na perspectiva do letramento, é entendida como um processo que envolve a interação com contextos sociais e culturais. Da mesma forma que os quadrinhos utilizam imagens para expressar significados de forma clara e cativante, o letramento crítico propõe que os alunos participem ativamente da construção de suas próprias interpretações, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e equitativo, no qual as hierarquias sociais são problematizadas e as vozes dos estudantes são valorizadas.

Diante dessas considerações, é possível sistematizar as principais características do letramento crítico, destacando seus elementos centrais, como a análise das relações de poder, a reflexão sobre contextos sociais e culturais, a autonomia do leitor e a valorização da diversidade de vozes. O quadro a seguir organiza essas características, oferecendo uma visão

clara e resumida dos aspectos fundamentais que orientam a prática do letramento crítico na educação.

Quadro 1: Principais características do letramento crítico

Características	Descrição / Resumo
Consciência das relações de poder	Reconhece que textos e discursos não são neutros; permite identificar ideologias, privilégios e desigualdades.
Práticas de leitura e escrita situadas	Considera a leitura e a escrita como práticas sociais inseridas em contextos culturais, históricos e sociais.
Formação de leitores críticos e autônomos	Desenvolve reflexão, interpretação e avaliação, tornando o aluno participante ativo na construção de sentido.
Reflexão sobre desigualdades e exclusões	Incentiva a análise de diferenças de gênero, raça, classe, língua e nacionalidade, problematizando discursos que marginalizam vozes.
Linguagem como instrumento de transformação social	A leitura e a escrita são ferramentas de empoderamento e ação cidadã, permitindo interpretar, criticar e transformar a realidade.
Prática docente mediadora e colaborativa	O professor atua como facilitador, promovendo diálogo, negociação de significados e participação ativa dos alunos.

Fonte: adaptado de Sardinha (2018), Janks (2018), Jordão (2016), Lerner (2007) e Freire (1996).

Em síntese, a educação deve ser um espaço de diálogo e construção coletiva, em que leitura e escrita funcionam como ferramentas de empoderamento e transformação social. O letramento crítico permite formar leitores autônomos e reflexivos, capazes de interpretar e intervir na realidade, reconhecendo as relações de poder e a diversidade de experiências sociais e culturais. Essa perspectiva fundamenta práticas pedagógicas que valorizam a participação ativa dos estudantes e a problematização de discursos dominantes, estabelecendo bases sólidas para a ampliação das habilidades críticas para diferentes modos de comunicação, incluindo os visuais.

3.3. Formação Leitora com HQs: O Despertar de Novos Olhares

As histórias em quadrinhos (HQs) atraíram muitos leitores desde o seu surgimento. Lotufo e Smarra (2012) contam que o desenvolvimento da indústria tipográfica e o surgimento de grandes jornais propiciaram o ambiente ideal para que as histórias em quadrinhos se estabelecessem como um veículo de comunicação de massa. Segundo os autores (Lotufo; Smarra, 2012), embora existam exemplos de narrativas gráficas com elementos característicos de histórias em quadrinhos em diversas partes do mundo desde o século XVIII, seu desenvolvimento massivo e consolidação como produto de consumo em larga escala ocorreram nos Estados Unidos, no final do século XIX, quando as condições de mercado se mostram favoráveis.

No campo da educação, entretanto, as HQs não foram inicialmente bem recebidas. Lotufo e Smarra (2012) explicam que, em um primeiro momento, os quadrinhos foram considerados inimigos da educação, associados à delinquência juvenil, “pois provocavam, segundo um dossiê organizado em 1944, por profissionais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), ‘preguiça mental na criança’, afastando-as do contato com os livros” (p.112). Durante a ditadura militar, essa percepção negativa foi reforçada por setores conservadores, que viam os quadrinhos como uma influência nociva na formação dos jovens.

No âmbito escolar, a recepção dos quadrinhos por pais e educadores foi marcada por resistência e desconfiança.

[...] pais e professores olhavam desconfiados as aventuras fantasiosas das páginas de HQs, acreditando que elas poderiam afastar as crianças e os jovens das leituras consideradas mais adequadas desviando-os assim de um amadurecimento saudável. Por esta razão a entrada de quadrinho em sala de aula encontrou diversas barreiras, a ponto de serem banidas, às vezes de forma até violenta, pelas escolas. Aos poucos esse preconceito foi se atenuando até praticamente ser extinto, mas este processo foi longo e sacrificado. (Lotufo; Smarra, 2012, p. 114)

A superação dessa visão negativa ocorreu ao longo de décadas. Entre os marcos desse movimento no Brasil, destaca-se a “Primeira Exposição Didática Internacional de Histórias em Quadrinhos”, realizada em 1951, promovida por um “grupo de desenhistas idealistas que acreditavam no potencial didático das HQs, percebendo que essa arte sequencial estava diretamente relacionada à literatura” (Lotufo; Smarra, 2012, p.115). O sucesso do evento contribuiu para valorizar os quadrinhos como forma de expressão artística e educativa, além de impulsionar o interesse das editoras e do público.

Atualmente, as HQs assumem um outro papel dentro das escolas brasileiras. Desde 2006, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) garantiu oficialmente a inclusão das HQs nas políticas nacionais de fomento à leitura conforme discutido anteriormente.

Escritores, roteiristas, artistas gráficos, professores e editores parecem concordar com o fato de imagem associada a um texto direto, simples e explicativo podem ser úteis na alfabetização. Também parecem indicar a quadrinização de obras literárias nacionais e universais, além de capítulos de história da humanidade, assim como possíveis referências na formação de ‘leitores-cidadãos’. (Lotufo; Smarra, 2012, p.118)

No campo dos estudos da linguagem, Paulo Ramos (2009) contribui para a compreensão das HQs ao destacar que elas possuem uma linguagem própria, marcada pela articulação entre elementos verbais e visuais e pela incorporação de aspectos da oralidade. As narrativas em quadrinhos podem assumir diferentes gêneros e formatos, combinando imagens,

textos e outros recursos expressivos que ampliam a construção de sentidos.

A imagem, nesse contexto, constitui uma forma de linguagem capaz de comunicar ideias e emoções independentemente do uso de palavras. Nos quadrinhos, a interação entre imagem e texto é fundamental para a construção narrativa, uma vez que os elementos visuais não apenas ilustram, mas também produzem significados, enriquecendo a experiência do leitor (Eisner, 2005).

Em sua obra, Eisner (2005) descreve diversos elementos gráficos que contribuem para a narrativa e demandam interpretação por parte do leitor. Entre eles, destacam-se os estereótipos, que funcionam como recursos de economia narrativa, permitindo a identificação rápida de personagens e contextos. Esse aspecto pode ser observado na representação do personagem indígena Papa-Capim, da Turma da Mônica (figura 1).

Figura 1 - Exemplo do uso de estereótipos nas HQs



Fonte: Almanaque de histórias sem palavras da Turma da Mônica nº 10, abril de 2024. Editora Mauricio de Souza, Panini Comics.

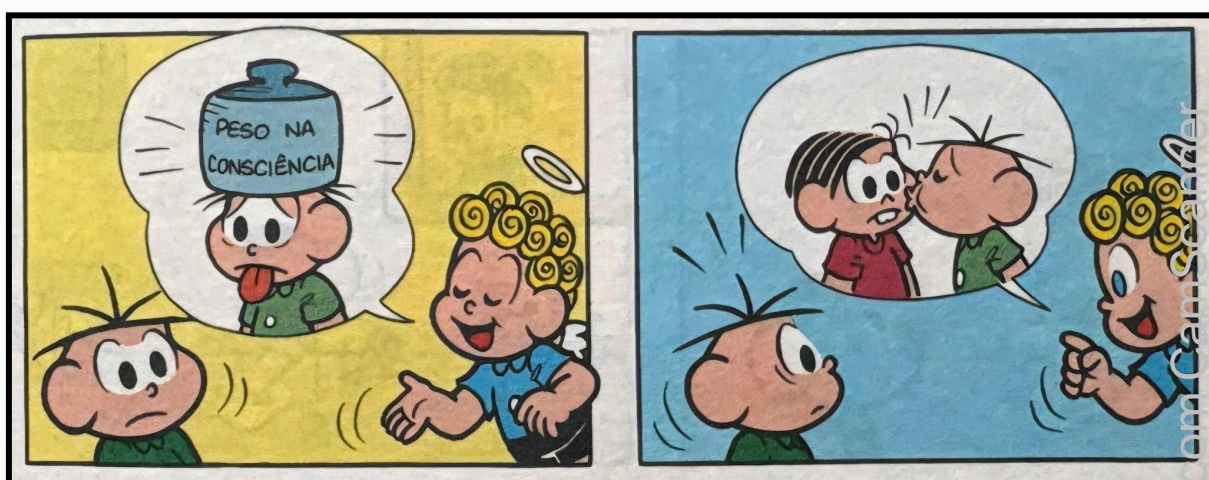
O personagem aparece, em geral, trajando tanguinha e, em algumas representações, com penas e acessórios. O personagem vive na Amazônia e a proposta é que suas histórias tragam temas como ecologia, choque cultural e tradições indígenas. A utilização dessa abordagem deve ser um ponto de reflexão sobre como as narrativas gráficas moldam a percepção do público em relação a diferentes grupos sociais.

A exploração pedagógica da imagem pode ser orientada por perguntas mobilizadoras como: “Como esse personagem indígena está representado?”, “Quais elementos visuais são utilizados para caracterizá-los?” e “Essa representação contempla a diversidade dos povos indígenas na atualidade?”. Essas questões possibilitam problematizar simplificações e generalizações, evidenciando que determinadas imagens podem reforçar visões estereotipadas.

Nesse contexto, o estereótipo pode atuar tanto como estratégia narrativa quanto como convite à reflexão crítica. Perguntas como “Porque esse personagem é representado dessa forma?”, “Quem produz essa imagem e com qual intenção?” e “Que outras formas de representar os povos indígenas seriam possíveis?” ampliam a análise sobre os efeitos dessas construções no imaginário social.

Outro aspecto relevante destacado por Eisner (2005) é o uso do simbolismo, que permite representar ideias abstratas por meio de imagens. Esse recurso amplia a interpretação, possibilitando leituras que ultrapassam o nível literal. Tal característica pode ser observada na tirinha do personagem Cebolinha (figura 2).

Figura 2 - Exemplo do uso de simbolismo nas HQs



Fonte: Almanaque de histórias sem palavras da Turma da Mônica nº 3, janeiro de 2023. Editora Mauricio de Souza, Panini Comics.

Na situação apresentada, o personagem, após agir de forma inadequada, vivencia o chamado “peso na consciência”, representado graficamente por meio de uma imagem metafórica que materializa esse sentimento. A presença do Anjinho, por sua vez, funciona como um recurso simbólico que orienta a ação do personagem, sugerindo a reparação do erro por meio do pedido de desculpas.

A exploração pedagógica da imagem pode ser orientada por perguntas mobilizadoras como: “O que significa ter ‘peso na consciência’?”, “Como esse sentimento foi representado na imagem?” e “Essa situação acontece na vida real ou é uma forma de mostrar algo que sentimos?” Tais questionamentos favorecem a compreensão de que as HQs utilizam elementos visuais para representar emoções e conflitos internos de maneira acessível ao leitor.

A dimensão ética também pode ser explorada a partir de perguntas como: “Por que pedir desculpas é importante?”, “Isso resolve o problema?” e “Existem outras formas de lidar

com a situação?”. Dessa maneira, o simbolismo contribui não apenas para a construção narrativa, mas também para o desenvolvimento de reflexões sobre valores sociais.

Outro elemento importante na linguagem dos quadrinhos é o uso de gestos, representação de movimentos e de sons. Eisner (2005) enfatiza que a arte dos quadrinhos utiliza imagens que imitam ou exageram a realidade, permitindo que os leitores compreendam rapidamente as ações e emoções dos personagens. A representação de gestos é crucial, pois transmite não apenas a ação em si, mas também o estado emocional dos personagens.

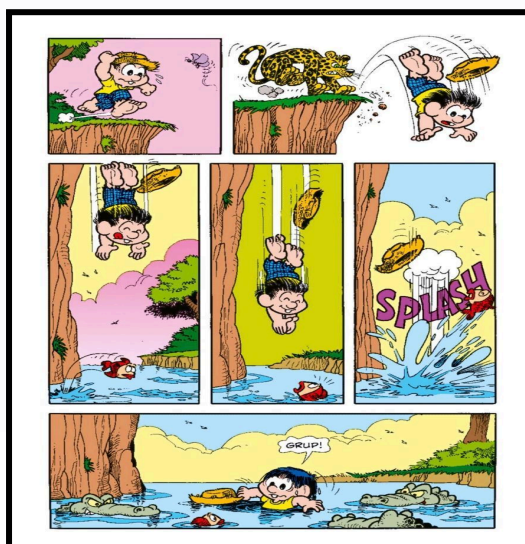
Pessoa (2016) complementa essa discussão ao destacar o papel dos balões e das onomatopeias, que contribuem para a construção da entonação, da expressividade e da ambientação sonora da narrativa. Os balões atuam como uma intersecção entre o texto verbal e o não verbal. O leitor precisa saber interpretar os balões para entender a entonação do texto, pois existem diferentes tipos de balões que podem alterar completamente o significado de uma fala. Eles ajudam a transmitir a emoção e a intenção dos personagens.

Já as onomatopeias, por sua vez, são apresentadas pelo autor (Pessoa, 2016) como um recurso que adiciona uma dimensão sonora à narrativa visual. Elas ajudam a criar uma atmosfera mais envolvente, permitindo que o leitor "ouça" a ação enquanto lê. Elas não apenas informam o leitor sobre o que está acontecendo, mas também intensificam a experiência emocional da cena, contribuindo para a imersão do leitor na história.

Utilizando os recursos visuais das histórias em quadrinhos como onomatopeias, os efeitos de movimento criados pelos artistas como linhas ou pontos que assinalam o espaço percorrido, traços curtos que rodeiam um personagem, indicadores de tremor, a diagramação da página, tudo isso pode sugerir o movimento das ações da personagem (Pessoa, 2016, p. 25)

Esse conjunto de recursos pode ser observado a seguir, em um trecho da história do personagem Chico Bento, também da franquia da Turma da Mônica (figura 3).

Figura 3 - Exemplo da representação de sons e movimentos nas HQs



Fonte: Aplicativo *Monicaverso* Mauricio de Sousa Produções. Acesso em: 22 dez. 2025.

A narrativa apresenta um cenário natural composto por penhasco, rio, animais silvestres, no qual se desenvolve uma narrativa marcada por tensão e humor. Ao longo da progressão dos quadros, observa-se que a natureza é representada como um espaço potencialmente ameaçador, sobretudo pela presença de predadores como a onça e os jacarés. Tal efeito é intensificado por escolhas da linguagem visual, como a representação desses animais com expressões faciais agressivas, dentes à mostra e posicionamento estratégico na cena, elementos que contribuem para produzir uma expectativa de perigo iminente. Perguntas como “A natureza aqui aparece como um lugar seguro ou perigoso?”, “Quem está em risco e por quê?” e “Os animais estão atacando ou apenas ocupando o espaço?” podem favorecer a problematização dessa representação, evidenciando que o sentido de ameaça é construído discursivamente, ainda que não haja ataque explícito.

No que se refere à representação dos predadores, a construção visual recorre a estereótipos amplamente difundidos, que associam determinados animais à ideia de perigo. As expressões faciais, os enquadramentos e a disposição espacial dos personagens orientam a leitura do público. Nesse sentido, questões como “Como sabemos que esses animais são perigosos?”, “Eles estão fazendo algo ou parece que vão fazer?” e “Se fossem representados de outra forma, a história mudaria?” contribuem para deslocar o olhar dos estudantes para os modos de produção de sentido na linguagem visual, favorecendo uma leitura mais crítica das escolhas gráficas.

Paralelamente, a presença do personagem humano na cena não é problematizada de forma direta. Chico Bento aparece em uma situação de risco desencadeada por sua própria ação, mas essa dimensão é secundarizada pela ênfase no perigo representado pela natureza. É possível problematizar a ocupação do habitat ao questionar: “Esse lugar parece ser dos humanos ou dos animais?”, “Quem está invadindo o espaço de quem?” e “O que o personagem está fazendo nesse ambiente?”. Tais questões favorecem a reflexão sobre a posição do ser humano na natureza, contribuindo para deslocar a ideia de que os animais representam uma ameaça intrínseca, quando, na realidade, estão inseridos em seu próprio habitat.

Além disso, o humor, elemento central da tirinha, atua como estratégia semiótica que suaviza a situação de perigo. A queda do personagem, o impacto na água e a expressão final de alívio produzem um efeito cômico que pode atenuar a percepção crítica do leitor. Perguntas como “A história é mais engraçada ou perigosa?”, “O humor faz a gente esquecer dos riscos?” e “Se não fosse engraçado, a leitura seria diferente?” permitem explorar esse aspecto, evidenciando como o riso também participa da construção de sentidos. Desta forma, a narrativa, ao mesmo tempo em que diverte, também mobiliza representações que podem ser problematizadas em práticas de letramento crítico, especialmente no que se refere à construção de sentidos sobre o mundo natural, aos estereótipos associados aos animais e às formas de (in)visibilização da ação humana nos ambientes naturais.

Por fim, existe o papel ativo desempenhado pelo leitor que segundo Eisner, (2005), o é de extrema importância na narrativa, dando sentido às imagens e textos. A experiência, a cultura e as emoções do leitor influenciam como ele percebe e se conecta com a história. Nesse contexto, o leitor é considerado um ator na narrativa, pois sua interpretação e reação às imagens e textos influenciam a experiência da história. O envolvimento ativo do leitor é fundamental para a eficácia da narrativa gráfica, pois ele deve preencher lacunas e interpretar significados implícitos.

Nas histórias em quadrinhos, espera-se que o leitor entenda coisas como o tempo implícito, espaço, movimento, som e emoções. Para que isso ocorra, um leitor deve não apenas se utilizar de reações viscerais, mas também fazer uso de um acúmulo razoável de experiências (Eisner, 2005, p. 53)

Esse papel é evidenciado na história apresentada na figura 4.

Figura 4 - Exemplo da importância do papel do leitor



Fonte: Almanaque de histórias sem palavras da Turma da Mônica nº 12, julho de 2024. Editora Mauricio de Souza, Panini Comics.

Nessa narrativa sem texto verbal, o leitor precisa interpretar exclusivamente os elementos visuais para compreender a história. A identificação das brincadeiras e o reconhecimento das ações das personagens exigem a mobilização de conhecimentos prévios, reforçando o papel ativo do leitor na produção de sentidos.

Ao utilizar as HQs como recurso didático, os professores podem promover a formação de leitores competentes, conforme preconizado na BNCC (BRASIL, 2017). O documento defende que formar um leitor competente envolve não apenas a compreensão do que é lido, mas também a capacidade de estabelecer relações entre diferentes textos, identificar elementos implícitos e atribuir sentido ao que lê. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos podem contribuir significativamente para o desenvolvimento dessas habilidades de leitura e interpretação.

Além disso, as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para abordar uma variedade de temas e conteúdos, não se limitando apenas aos clássicos de heróis e vilões. Conforme ressaltado por Tanino (2011), as histórias em quadrinhos podem ser empregadas com o objetivo de trabalhar conteúdos transversais, tais como o meio ambiente, a diversidade, as aventuras e os romances, tornando-se um recurso versátil e atrativo para os alunos de diferentes faixas etárias.

Na análise da figura 4, por exemplo, as brincadeiras com papel permitem discutir práticas de consumo e sustentabilidade. Perguntas como: “De onde vem o papel utilizado nas brincadeiras?”, “O que acontece com o papel depois que deixa de ser usado?”, “É possível reutilizar esse material?” e “Que outros usos poderiam ser dados ao papel antes de descartá-lo?” incentivam reflexões sobre o uso de recursos. Ao mesmo tempo, a interação entre as personagens possibilita discutir aspectos relacionados a convivência, colaboração e diversidade.

Dessa forma, a narrativa articula ludicidade e construção de sentidos, configurando-se como um recurso potente para o desenvolvimento do letramento crítico, ao possibilitar a problematização de práticas sociais, de consumo e de interação, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação no contexto escolar.

Assim, a presença das HQs em sala de aula pode proporcionar um ambiente de aprendizagem mais lúdico e descontraído. Com elas, os professores podem estimular a imaginação dos alunos, incentivá-los a refletir sobre o conteúdo lido e criar um espaço propício para o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica.

Pessoa (2016) aponta que, nos quadrinhos, a imagem e o texto se complementam ou até se confrontam, exigindo do leitor a capacidade de fazer conexões e inferências para entender a história. Essa habilidade interpretativa aproxima a leitura de HQs das práticas ligadas ao letramento visual crítico, já que o leitor precisa interpretar, avaliar e articular informações de diversas linguagens (Xavier, 2015).

As HQs oferecem um espaço importante para a circulação de representações sociais, apresentando personagens, cenários e conflitos que muitas vezes reproduzem ou desafiam conceitos e estereótipos amplamente difundidos. À luz dos pressupostos de letramento crítico, torna-se fundamental fazer uma leitura que questione quem está sendo representado, como e quais são os efeitos disso. Conforme argumenta Janks (2018), a leitura crítica implica examinar como os textos constroem significados, legitimam determinadas visões de mundo e marginalizam outras.

Por serem amplamente divulgadas, as histórias em quadrinhos conseguem aproximar as práticas escolares das experiências sociais dos alunos e podem ser reconhecidas no currículo como um objeto de estudo válido. Janks (2018) enfatiza que o letramento crítico precisa incluir a análise dos usos sociais dos textos e as relações de poder que permeiam sua circulação. Sob essa ótica, trabalhar com HQs permite questionar a hierarquização tradicional de gêneros.

Além disso, Xavier (2015) argumenta que o letramento visual crítico implica esse tipo de análise: identificar intenções, públicos e efeitos das imagens, além de problematizar os processos de visibilidade e silenciamento nas práticas visuais.

Com base nos pontos discutidos, as histórias em quadrinhos podem ser vistas como uma ferramenta pedagógica poderosa para fomentar o letramento crítico. Sua essência multimodal, sua dimensão discursiva e ideológica, além de sua circulação social, favorece práticas de leitura que unem análise, interpretação e posicionamento crítico.

Desse modo, este referencial teórico fundamentou a pesquisa relatada nesta dissertação ao oferecer as bases conceituais para entender como um curso de extensão focado em histórias em quadrinhos pode favorecer a formação de leitores críticos, a partir das percepções dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, orientando a análise das experiências, atividades e eventuais mudanças observadas ao longo do percurso formativo.

4. METODOLOGIA

Este capítulo destina-se à definição do tipo de estudo, a identificação dos sujeitos envolvidos e sua conexão com o problema investigado, além de descrever como os dados foram gerados e analisados. No caso, são apresentadas as contribuições teórico-metodológicas que fundamentam o processo de pesquisa, os participantes e o contexto das reflexões, os instrumentos selecionados e as etapas do estudo.

4.1. Tipo de pesquisa

O tipo de estudo proposto teve natureza exploratória e foi assumido como estudo de caso. A abordagem exploratória possibilitou uma compreensão rica e detalhada dos efeitos do curso de extensão para as práticas dos professores, considerando suas experiências e percepções sobre o uso das HQs. Como estudo de caso, foi possível a documentação e interpretação dos aspectos do objeto em estudo de forma detalhada e contextualizada, gerando resultados que poderão orientar práticas futuras. Isso porque, conforme proposto por Robert Yin (2014), o estudo de caso se destaca pela sua capacidade de proporcionar uma compreensão ampla e contextualizada de fenômenos contemporâneos complexos em seus contextos reais, sem a definição prévia de hipóteses a serem testadas. Além disso, a combinação de métodos variados de geração de dados (rodas de conversa e questionários mistos) enriqueceu a análise, permitindo a triangulação de dados e a construção de uma visão ampla do fenômeno em estudo. Assim, este estudo não se limitou à descrição das práticas pedagógicas, mas buscou compreender e analisar como o curso de extensão sobre histórias em quadrinhos pôde favorecer práticas de formação de leitores críticos, a partir da percepção de professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

O estudo de caso é particularmente valioso em situações onde as variáveis não podem ser facilmente isoladas ou controladas. Ao enfatizar a importância do contexto real e a utilização de múltiplas fontes de evidência, Yin (2014) reconhece a natureza multifacetada da realidade social e a necessidade de abordagens que possam capturar essa complexidade.

O autor defende um rigor metodológico que, não apenas fortaleça a credibilidade dos resultados obtidos, mas também contribua para elevar o *status* do estudo de caso como uma estratégia de pesquisa robusta e cientificamente válida, capaz de gerar teorias fundamentadas

empiricamente. Ele explica ainda que uma das principais críticas feita ao estudo de casos se concentra na sua dificuldade de generalização. Os críticos dizem que, como os estudos de caso geralmente se concentram em um único caso ou em um número limitado de casos, suas descobertas não podem ser generalizadas para uma população maior ou para outros contextos. No entanto, essa crítica se baseia na ideia de que a generalização só é possível por meio de métodos estatísticos, que exigem amostras representativas de uma população (Yin, 2014).

Yin (2014) argumenta que essa crítica é baseada em uma compreensão equivocada do propósito e da natureza dos estudos de caso, uma vez que eles não visam a generalização estatística, mas sim a generalização analítica. Nesse tipo de generalização, o pesquisador busca expandir e generalizar teorias, ao invés de enumerar frequências. Os resultados de um estudo de caso bem conduzido podem ser utilizados para desenvolver ou refinar teorias existentes, que por sua vez possam ser aplicadas a outros contextos. Além disso, o autor destaca que a força do estudo de caso reside em sua capacidade de fornecer uma compreensão profunda e contextualizada de fenômenos complexos, algo que métodos puramente quantitativos muitas vezes não conseguem alcançar.

Muito embora já se tenha pensado bastante que os estudos de caso sejam uma pesquisa "fácil", a pesquisa de estudo de caso é notavelmente complicada. E o paradoxo é que quanto 'mais fácil' for uma estratégia de pesquisa, mais difícil será para realizá-la. (Yin, 2014, p. 36)

Por esses pressupostos, nossa pesquisa foi caracterizada como um estudo de caso exploratório, conduzido com a turma do curso de extensão "Entre Quadrinhos e Ideias: Formando Leitores Críticos com HQs", que foi composta por professores, licenciandos e técnicos da área de educação. Tal abordagem metodológica tornou-se adequada para analisar, a partir da percepção dos professores dos anos iniciais participantes, os efeitos do curso de extensão sobre o uso das histórias em quadrinhos em suas práticas pedagógicas voltadas ao letramento crítico.

A turma do curso de extensão apresentou uma oportunidade de explorar a implementação de estratégias de letramento crítico, mediadas por histórias em quadrinhos, em um contexto de formação continuada. Essa característica tornou o estudo de caso uma escolha acertada, pois permitiu uma análise aprofundada do processo e dos resultados alcançados.

Além disso, o estudo de caso ofereceu uma visão abrangente e interconectada das dinâmicas entre os participantes, dos conteúdos abordados e das ferramentas pedagógicas utilizadas, na medida em que focou o curso de extensão como uma unidade integrada, considerando as interações estabelecidas durante as atividades formativas e os dados

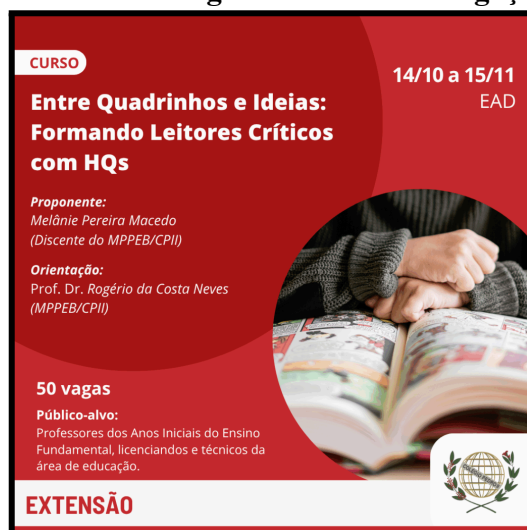
produzidos por diferentes instrumentos de pesquisa. Em vez de se restringir a aspectos isolados, essa metodologia possibilitou a compreensão das inter-relações entre esses elementos no contexto específico do curso.

Dessa maneira, a discussão de estratégias de letramento crítico por meio de histórias em quadrinhos no curso não apenas proporcionou um espaço prático para análise, mas também destacou os desafios e as oportunidades inerentes a essa abordagem em um ambiente educacional.

4.2. Caracterização do campo de estudo

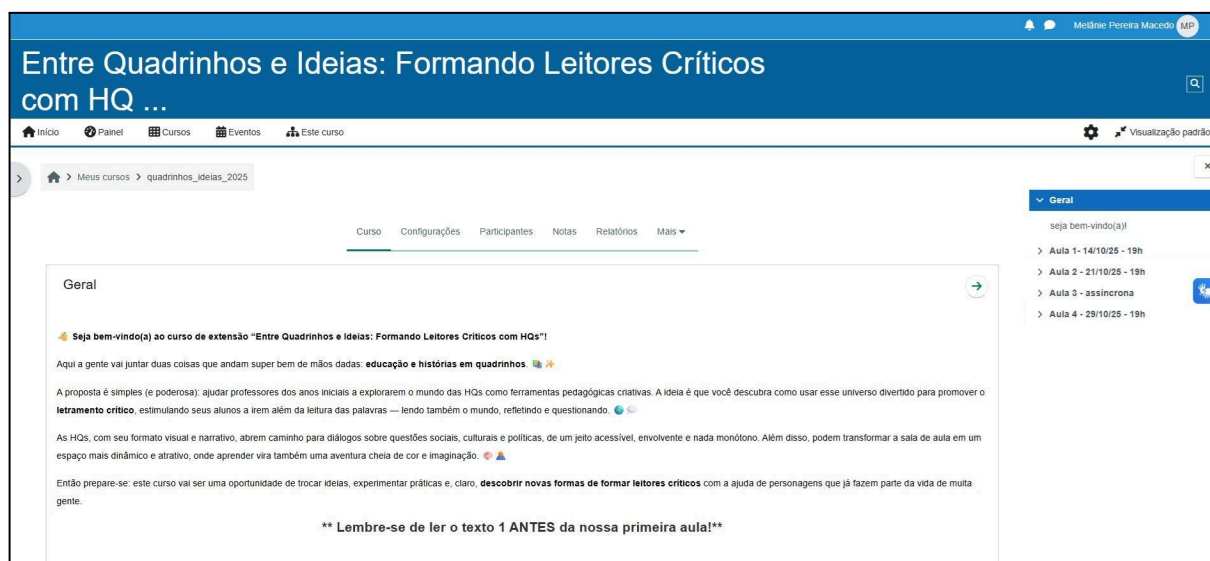
A pesquisa foi conduzida tendo como campo empírico um curso de extensão *online*. Os encontros aconteceram através da plataforma *Moodle*, um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) amplamente utilizado para cursos *online*. Foi oferecido um curso EAD, através da Coordenadoria de Extensão do Colégio Pedro II, com até 50 vagas, organizado em 4 módulos, para professores, licenciandos e técnicos da área de educação. O curso foi ofertado e divulgado através do site oficial e redes sociais do Colégio Pedro II e os participantes foram selecionados pela ordem de inscrição dos interessados. Foram utilizadas funcionalidades como: fóruns, atividades síncronas e assíncronas e questionários.

Figura 5: Panfleto digital usado na divulgação do curso



Fonte: <https://blog.cp2.g12.br/propgpec/extensao-2-2/extensao-cursos2/cursos-eadpresenciais/>, acessado em 17/12/2025.

Figura 6: Imagem do ambiente virtual Moodle criado para o curso



Fonte: https://ead.cp2.g12.br/course/view.php?id=32360&lang=pt_br, acessado em 17/12/2025.

Um curso de extensão no Colégio Pedro II é uma ação formativa e educativa oferecida à comunidade interna e externa, destinada à formação continuada e ao aperfeiçoamento profissional. Pode ser presencial, à distância (EAD/MOOC) ou híbrido, e deve ser submetido e aprovado pela Coordenadoria de Extensão/PROPGPEC por meio de formulário eletrônico com o resumo executivo e as anuências necessárias. Após aprovação, a Coordenadoria divulga a ação, apoia a execução (incluindo suporte à plataforma *Moodle*, quando aplicável) e emite certificado ou declaração de participação conforme os critérios estabelecidos no projeto e no edital.

O protótipo do curso, estruturado com base na literatura, foi organizado da seguinte forma:

CURSO DE EXTENSÃO
Objetivo Geral: Oferecer aos professores um espaço de reflexão sobre práticas pedagógicas que utilizem histórias em quadrinhos como recurso pedagógico no desenvolvimento do letramento crítico, proporcionando aos estudantes uma leitura significativa e reflexiva, além de promover habilidades de interpretação, análise e argumentação.
Público-Alvo: Professores dos anos iniciais interessados em desenvolver práticas pedagógicas criativas e inovadoras com foco no letramento e no uso de histórias em quadrinhos (HQs) como ferramentas para a formação de leitores críticos.
Carga Horária: 20 horas

Objetivos Específicos:

1. Compreender como os professores utilizam HQs em sala de aula.
2. Analisar como as propostas produzidas pelos professores durante o curso demonstram sua compreensão sobre o uso das HQs na formação do leitor crítico.
3. Avaliar os efeitos do curso na prática pedagógica dos professores participantes.

Programa**Aula 1:** Introdução ao Letramento e ao Letramento Crítico - *Online síncrona*

- Aplicação do questionário inicial (anexo 1);
- Conceitos fundamentais de letramento e letramento crítico;
- A importância do letramento crítico na Educação Básica.
(Referência: JORDÃO, C. M. No tabuleiro da professora tem...letramento crítico? In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas estrangeiras. Campinas-SP; Pontes, 2016, p.41-56.)

Aula 2. Histórias em Quadrinhos: Estratégias de Leitura Crítica com HQs - *Online síncrona*

- Apresentação de um breve histórico das HQs e suas características principais;
- Apresentação de atividades de letramento crítico com histórias em quadrinhos que abordam temas sociais, culturais e políticos já aplicadas;
- Discussão de possibilidades de trabalho com HQs dentro das realidades vivenciadas pelos professores do grupo.

Aula 3. Criação de projetos interdisciplinares que envolvem HQs e temas atuais - *Online assíncrona*

- Criação e postagem de novas atividades com HQs que serão aplicadas em sala de aula.
- Aplicação das atividades criadas em sala de aula para compartilhamento com o grupo.

Aula 4. Reflexão sobre a prática pedagógica e os resultados alcançados - *Online síncrona*

- Roda de conversa gravada para compartilhar as experiências de aplicação nas atividades elaboradas no encontro anterior e aplicadas em sala de aula;
- Aplicação do questionário final (anexo 2).

Metodologia:

O curso será oferecido em formato EAD, utilizando a plataforma Moodle. As aulas incluirão leitura de textos teóricos e discussão sobre propostas em que as histórias em quadrinhos (HQs) foram utilizadas em sala de aula como material de formação de leitores críticos. A turma deverá elaborar atividades utilizando HQs e compartilhar suas experiências ao aplicá-las.

Avaliação:

- Participação nos fóruns e atividades propostas.
- Elaboração de um plano de aula ou sequência didática com HQs.
- Aplicação das propostas elaboradas em turmas nas quais os cursistas atuam.
- Apresentação da experiência de usar HQs para o letramento crítico.

4.3. População e amostra

A população deste estudo foi composta por professores, licenciandos e técnicos da área de educação inscritos no curso. Enquanto a amostra, foi composta pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental matriculados no curso que aceitaram participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e participaram de todas as etapas da formação.

O curso foi amplamente divulgado através das plataformas oficiais da instituição durante um período de 15 dias, resultando em 92 inscritos, entre docentes, técnicos e licenciandos da educação, todos interessados em aprimorar suas práticas pedagógicas. Conforme tabela 2.

Tabela 2: Quantitativo de inscritos no curso

Inscritos que atuam como docentes	37
Inscritos que ainda cursam a licenciatura	48
Inscritos em cargos técnicos	7
Total de inscritos no curso	92

Fonte: elaboração da autora.

O mais interessante nas informações do formulário de inscrição foi que, apesar do Colégio Pedro II ser uma instituição de ensino do Estado do Rio de Janeiro, a divulgação pelas redes sociais da proposta de realização do curso à distância e no formato EAD possibilitou a participação de candidatos de outros 13 estados do Brasil. Mesmo que 77% dos candidatos fossem do estado do Rio de Janeiro, ainda percebemos a importância de oferecer este curso de extensão de forma acessível para alcançar profissionais da educação de todo o país. Conforme tabela 3.

Tabela 3: Estado de origem dos inscritos no curso

Rio de Janeiro	71
Amapá	1
Amazonas	2
Bahia	3
Ceará	2
Goiás	1
Minas Gerais	2

Pará	1
Paraíba	1
Pernambuco	1
Piauí	1
Rondônia	1
São Paulo	4
Sergipe	1

Fonte: elaboração da autora.

A partir dessa enorme procura, inicialmente, foram selecionados 60 candidatos para participar do curso. No entanto, devido à baixa frequência no primeiro encontro, a equipe organizadora convocou os 32 candidatos que aguardavam na lista de espera. Ou seja, os 92 inscritos tiveram acesso ao curso.

Mesmo assim, ao final do curso, apenas 23 cursistas completaram todas as atividades e discussões propostas. Dentre esses, apenas 12 eram professores dos anos iniciais do ensino fundamental e atendiam aos critérios da amostra para esta pesquisa. Conforme tabela 4.

Tabela 4: Quantitativo de inscritos que concluíram o curso por área de atuação

Professores dos anos iniciais	12
Professores de outros segmentos, técnicos ou licenciandos	11
Total de concluintes	23

Fonte: elaboração da autora.

É importante ressaltar que, apesar da grande procura pelo curso, a evasão foi significativa, refletindo um desafio comum em programas gratuitos de formação continuada.

Os cursistas participantes apresentaram um perfil diversificado, conforme visto nas tabelas acima, composto por professores, técnicos e licenciandos, atuando em todos os níveis da educação. Essa diversidade enriqueceu as discussões e práticas desenvolvidas ao longo do curso, permitindo uma troca significativa de saberes e experiências.

Aqueles que compuseram a amostra são, em sua maioria, professores atuantes em escolas públicas municipais e federais do Rio de Janeiro, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e participaram de todas as etapas do curso de extensão. Conforme tabela 5.

Tabela 5: Rede em que atuam os participantes da amostra

Privada	1
Pública	11

Fonte: elaboração da autora.

Ainda assim, apenas 5 cursistas conseguiram planejar e aplicar dentro do prazo a proposta que deveria ser compartilhada na roda de conversa ao final do curso. Desta forma, durante a análise de dados, considero toda a participação do grupo amostral, mas somente me aprofundo na análise dessas 5 atividades planejadas, aplicadas e compartilhadas durante o último encontro.

Esta amostra foi fundamental para a análise proposta nesta pesquisa, pois permitiu compreender como esses educadores percebem e utilizam as HQs como ferramentas para a formação de leitores críticos em suas práticas pedagógicas. Através da triangulação de dados gerados, esta investigação buscou responder à pergunta central: de que maneiras as histórias em quadrinhos, usadas como material literário, podem favorecer, na perspectiva de professores dos anos iniciais, o processo de formação de leitores críticos?

4.4. Instrumentos de geração de dados

As pesquisas qualitativas são marcadas pela diversidade de procedimentos e instrumentos para a geração de dados, oferecendo flexibilidade em sua abordagem. Segundo Triviños (1987), entre os métodos e técnicas empregados pelos pesquisadores qualitativos, aqueles que valorizam a perspectiva do informante são os mais comuns.

Nesta pesquisa, um dos instrumentos utilizados foram questionários mistos com questões fechadas e abertas.

Quadro 2: Questionário inicial: Uso de Histórias em Quadrinhos na prática docente

Questão	Alternativas / Descrição
Você já utilizou histórias em quadrinhos (HQs) em suas aulas?	Sim; Não.
Com que frequência você utiliza HQs em suas práticas pedagógicas?	Sempre; Frequentemente; Às vezes; Raramente; Nunca.
Em quais disciplinas ou áreas do conhecimento você costuma trabalhar com HQs (caso utilize)?	Língua Portuguesa; Matemática; Ciências; História; Geografia; Nunca trabalhei com HQs; Outra(s).
Quais tipos de HQs você costuma utilizar?	HQs infantis (ex.: <i>Turma da Mônica</i>); HQs de super-heróis; Webcomics; HQs jornalísticas ou documentais; Mangás; Nunca utilizei; Outro(s).
Para quais finalidades pedagógicas você já utilizou HQs	Leitura e interpretação de textos; Análise da

em sala de aula?	linguagem verbal e não verbal; Discussão de temas transversais; Produção de textos; Projetos interdisciplinares; Nunca utilizei; () Outra(s).
Quando você utiliza HQs em sala de aula, como os(as) estudantes costumam reagir?	Muito interesse e participação; Interesse parcial; Participação semelhante a outras atividades; Pouco interesse; Nunca utilizei.
Quem geralmente fornece ou adquire as HQs utilizadas em sala de aula?	Escola (biblioteca/sala de leitura); Recursos próprios do(a) professor(a); Projetos ou doações; Estudantes trazem de casa; Não utilizo HQs; Outro(s).
Na sua opinião, quais são as principais potencialidades das HQs como recurso pedagógico?	Resposta discursiva.
Quais são os principais desafios ou dificuldades para utilizar HQs na prática docente?	Resposta discursiva.
Você já participou de alguma formação (curso, oficina ou palestra) sobre o uso de HQs na educação?	Sim; Não.

Fonte: elaboração da autora.

O questionário inicial cumpriu a função de mapear as experiências prévias, as concepções e as condições de uso das histórias em quadrinhos na prática docente dos professores participantes, servindo como base diagnóstica para o desenvolvimento do curso de extensão. A partir dos dados obtidos nesse momento inicial, foi possível identificar percepções, potencialidades e desafios relacionados ao uso das HQs no contexto escolar. Esses dados subsidiaram a organização das atividades formativas e orientaram a análise comparativa com os resultados do questionário final, aplicado ao término do curso, permitindo avaliar possíveis mudanças nas percepções e nas práticas docentes ao longo do processo formativo.

Quadro 3: Questionário final - avaliação do curso e impacto na prática docente

Questão	Alternativas / Descrição
Após o curso, você se sente mais preparado(a) para utilizar histórias em quadrinhos em sua prática docente?	Sim; Mais ou menos; Não.
Sua visão sobre o uso de histórias em quadrinhos como recurso pedagógico mudou após o curso?	Mudou significativamente; Mudou em alguns aspectos; Não mudou; Já possuía essa visão
Você percebeu alguma mudança na participação, no interesse ou no desempenho dos(as) estudantes durante as atividades com HQs?	Mudanças significativas; Mudanças sutis; Não percebeu mudanças; Não aplicou atividades
Você considera que as atividades com HQs contribuíram para a aprendizagem dos(as)	Contribuíram muito; Contribuíram parcialmente; Pouco; Não contribuíram; Não tenho como avaliar

estudantes?	
As discussões sobre letramento literário e o uso das HQs contribuíram para sua reflexão sobre a prática docente?	Sim, muito; Sim, em parte; Pouco; Não
Qual(is) aspecto(s) do curso mais contribuíram para sua formação?	Resposta discursiva
Quais foram os maiores desafios ao aplicar atividades com HQs?	Resposta discursiva
Você pretende continuar utilizando histórias em quadrinhos como recurso pedagógico?	Sim; Talvez; Não

Fonte: elaboração da autora.

O questionário final permitiu avaliar os efeitos do curso de extensão na formação dos professores participantes, bem como identificar mudanças em suas percepções e práticas pedagógicas relacionadas ao uso das histórias em quadrinhos. Os dados obtidos por meio desse instrumento possibilitaram a análise comparativa com as informações levantadas no questionário inicial, favorecendo a compreensão do percurso formativo desenvolvido ao longo do curso. Dessa forma, o questionário final contribuiu para a análise do impacto do curso de extensão, articulando-se às demais fontes de dados da pesquisa e fortalecendo o processo de triangulação adotado neste estudo.

Segundo Marconi e Lakatos (2017), uma das vantagens desse instrumento é a economia de tempo, a abrangência geográfica e de participantes de forma simultânea, além da flexibilidade de tempo para as respostas, dentre outros aspectos. Porém, como desvantagens, os autores mencionam a baixa devolução de questionários, a alta quantidade de perguntas sem respostas, além da impossibilidade de o pesquisador explicar possíveis questões mal compreendidas. Por isso, o questionário inicial foi aplicado no primeiro encontro, antes de qualquer proposta, e o questionário final, no último encontro, após todas as atividades.

Além disso, promovemos uma roda de conversa *online*, no último encontro, para compartilhar as experiências dos professores participantes ao aplicar atividades envolvendo letramento crítico com histórias em quadrinhos.

A roda de conversa também foi essencial para a coleta de dados neste estudo, pois propiciou um espaço de escuta mútua, reflexão e produção coletiva de significados. Esse procedimento metodológico está alinhado a uma abordagem qualitativa e participativa, que concebe os participantes não apenas como provedores de informação, mas como colaboradores ativos na investigação. Conforme apontado por Moura e Lima (2014), a roda favorece a manifestação de vivências, opiniões e percepções, permitindo um diálogo entre os

envolvidos com base em suas experiências, o que enriquece e contextualiza os dados obtidos.

Amparada por princípios freireanos, a roda de conversa sustenta-se na ideia de diálogo como prática educativa e libertadora, em que o saber é construído de forma horizontal, mediante a troca de saberes e a problematização da realidade (Freire, 1996). Assim, a aplicação desse recurso possibilitou entender as percepções dos professores dos anos iniciais sobre o emprego das histórias em quadrinhos em suas práticas docentes e refletir coletivamente sobre os desafios e as potencialidades deste material no processo de formação de leitores críticos.

Além disso, as rodas mostraram-se adequadas para captar dimensões subjetivas e relacionais que dificilmente emergiriam apenas por instrumentos mais estruturados, como questionários. De acordo com Minayo (2014), técnicas qualitativas são essenciais para apreender significados, valores e sentidos atribuídos às práticas pelos sujeitos, um aspecto particularmente relevante neste estudo, cujo foco recai sobre percepções docentes e processos formativos.

No desenvolvimento das rodas de conversa, a mediação seguiu eixos temáticos definidos previamente, articulados aos objetivos da pesquisa e aos referenciais teóricos que a sustentam. Entre esses eixos estiveram as concepções docentes sobre letramento crítico, as experiências anteriores com o uso de histórias em quadrinhos em sala de aula, as potencialidades pedagógicas desse gênero nos anos iniciais do ensino fundamental, os obstáculos para sua utilização e as contribuições do curso de extensão para a problematização e a transformação das práticas docentes. Esses eixos nortearam o debate, assegurando alinhamento com o problema investigativo e, ao mesmo tempo, mantendo a flexibilidade necessária para que novas questões emergissem a partir das falas dos participantes. Além disso, a definição desses eixos possibilitou estabelecer relações entre as concepções docentes, as práticas pedagógicas propostas e os objetivos formativos do curso de extensão, favorecendo uma análise qualitativa aprofundada e contribuindo para a triangulação dos dados, conforme indicado por Minayo (2014), o que fortaleceu a consistência interpretativa da pesquisa.

4.5. Metodologia de análise de dados

A análise de dados em estudos de caso é um processo complexo que requer uma abordagem cuidadosa e sistemática. De acordo com Robert Yin (2014), a análise deve começar com uma estratégia analítica geral, definida antes da coleta de dados. Essa estratégia pode incluir a formulação de proposições que guiarão a investigação, mesmo que não haja

hipóteses rígidas a serem testadas. A análise pode ser qualitativa, quantitativa ou uma combinação de ambas, dependendo da natureza dos dados coletados. Neste estudo a análise foi exclusivamente qualitativa.

Nesta pesquisa, os dados obtidos por meio de questionários mistos foram tratados estatisticamente, como médias e frequências, permitindo identificar tendências gerais nas percepções dos professores sobre o uso de histórias em quadrinhos (HQs). A apresentação visual dos dados, por meio de gráficos e tabelas, facilita a interpretação e a comunicação dos resultados.

A análise qualitativa foi fundamental para compreender as nuances das respostas dos participantes. Os dados produzidos nas rodas de conversa, gravados e posteriormente transcritos, bem como as respostas abertas dos questionários, foram analisados por meio da análise de conteúdo, de abordagem temática, conforme Gomes (2007), envolvendo as etapas de ordenação, classificação e interpretação dos dados.

A triangulação de dados constituiu uma estratégia fundamental para a validação dos resultados, realizada por meio da articulação entre os dados provenientes das rodas de conversa, das respostas abertas dos questionários e das questões fechadas. Inicialmente, cada conjunto de dados foi analisado de forma separada, utilizando análise temática para os dados gerados. Em seguida, os resultados foram organizados em categorias analíticas comuns, possibilitando a comparação das convergências e divergências entre as diferentes fontes de dados, conforme orienta Yin (2014), o que contribuiu para uma compreensão mais ampla e consistente do fenômeno investigado.

Quadro 4: Triangulação de dados

Eixo de análise	Dados	Finalidade analítica
Compreensão dos professores sobre letramento crítico e o uso de HQs	Questionário inicial; Roda de conversa	Identificar concepções, experiências prévias e percepções docentes sobre letramento crítico e o uso de HQs.
Como os conceitos aparecem nas propostas práticas dos cursistas	Propostas pedagógicas; Roda de conversa	Analisar a incorporação do letramento crítico e das HQs nas atividades pedagógicas elaboradas.
Relação entre as atividades propostas e a formação de leitores críticos	Questionário final; Roda de conversa	Compreender os impactos das atividades com HQs na prática docente e na formação de leitores críticos.

Fonte: elaboração da autora.

Por fim, a apresentação dos resultados clara e organizada permite que os leitores compreendam como os dados foram analisados e quais conclusões podem ser tiradas. A utilização de múltiplas fontes de evidência e a manutenção de um encadeamento de evidências foram fundamentais para garantir a qualidade e a confiabilidade do estudo, contribuindo para a discussão acadêmica e práticas sobre o uso de histórias em quadrinhos no processo de letramento e formação de leitores críticos.

Após a análise e triangulação dos dados, chegou-se a duas categorias a posteriori, a saber:

- (I) Efeitos do curso nas práticas docente
- (II) Práticas de Letramento Crítico a partir das HQs: limites e possibilidades

5. RESULTADOS

Os dados analisados consistem em respostas aos questionários diagnósticos, registros de participação nos fóruns, encontros síncronos e roda de conversa, além das propostas de atividades enviadas pelos professores.

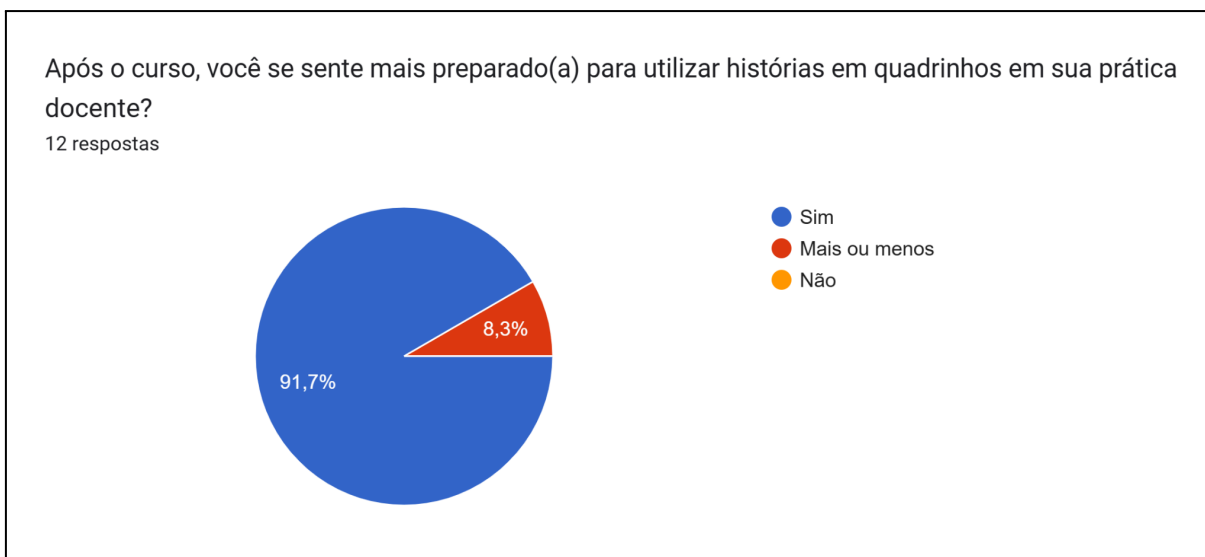
Esta análise está organizada em dois eixos temáticos, definidos a partir dos objetivos específicos do curso de extensão. O primeiro eixo examina o impacto do curso na prática docente, buscando identificar avanços, permanências e desafios no uso crítico das histórias em quadrinhos (HQs) em sala de aula. Em seguida, o segundo eixo reúne a discussão acerca dos limites e das potencialidades apontados pelos cursistas em relação ao letramento crítico e ao uso de HQs no contexto escolar, articulando tais compreensões às atividades e propostas didáticas elaboradas ao longo do curso, de modo a analisar, à luz do referencial teórico, como as concepções foram ressignificadas e materializadas nas práticas pedagógicas desenvolvidas.

A opção por organizar a análise em eixos temáticos permitiu observar tanto os entendimentos iniciais quanto os movimentos de reflexão desencadeados ao longo da formação, além das escolhas pedagógicas demonstradas nas práticas docentes. A análise dos dados revela não apenas as percepções dos professores sobre os temas abordados, mas também as dinâmicas de aprendizado e as inovações que emergiram ou não em suas práticas pedagógicas. Através dessa investigação, busca-se contribuir para o entendimento das potencialidades das HQs como ferramenta para o letramento crítico, promovendo uma formação docente mais reflexiva e engajada.

5.1. Efeitos do curso nas práticas pedagógicas docentes

O ponto de partida desta análise é o questionário final aplicado ao término do curso de extensão, cujos resultados indicam que a formação promoveu reflexões significativas e mudanças nas concepções e práticas docentes quanto ao uso das histórias em quadrinhos (HQs) como recurso pedagógico. No gráfico abaixo (gráfico 1), vemos que onze dos doze cursistas da amostra responderam que se sentem mais preparados para utilizar as HQs em sua prática docente após o curso, enquanto apenas um respondeu se sentir mais ou menos preparado e nenhum disse não estar preparado.

Gráfico 1 - Os professores se sentem mais preparados após o curso?



Fonte: autores (2025)

Analisando em perspectiva, esse aspecto pode ser considerado um avanço promovido pelo curso, já que dados do questionário inicial apresentados no gráfico 2, indicaram que a maioria dos cursistas não tinham formação anterior sobre o uso das HQs na educação: apenas dois dos doze cursistas da amostra afirmaram já ter tido algum tipo de preparo na área, enquanto os outros dez nunca tiveram formação específica sobre o tema. Esse cenário evidenciou uma lacuna formativa que pode dificultar a elaboração de propostas pedagógicas mais consistentes que desenvolvam a criticidade. Nesse sentido, compreende-se que o curso ajudou a fundamentar teoricamente os participantes, reverberando em sua confiança no uso das HQs.

Gráfico 2 - Professores que já tiveram acesso a formação continuada sobre o tema

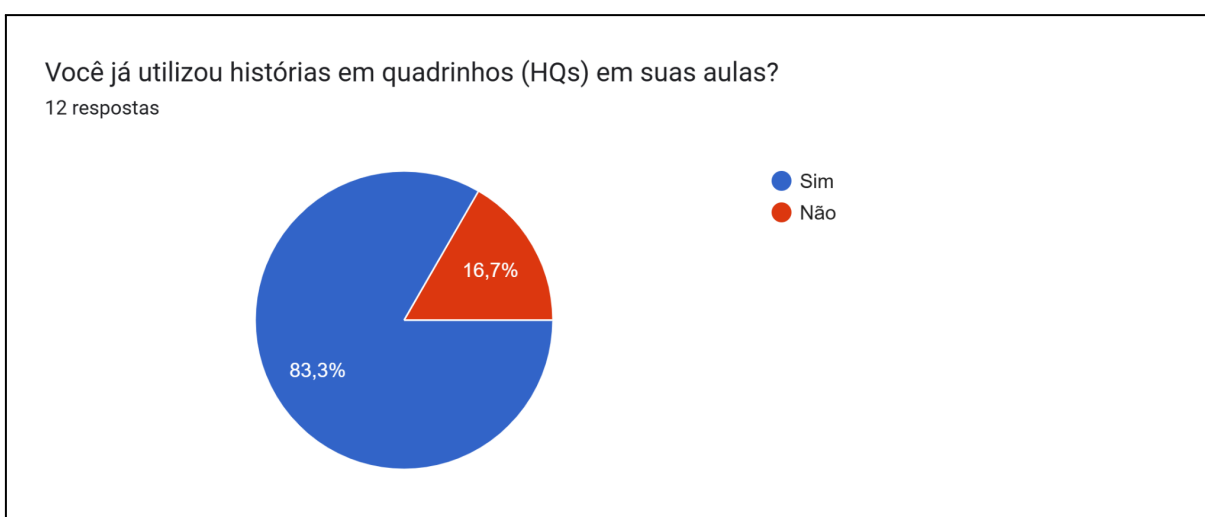


Fonte: autores (2025)

Paulo Ramos (2009), discute esse problema quando afirma que muitos educadores enfrentam dificuldades na utilização de histórias em quadrinhos (HQs) em sala de aula devido à falta de familiaridade com a linguagem e os recursos expressivos desse gênero. Estes dados confirmam a carência de capacitação específica para o uso pedagógico das HQs. Embora haja um crescente interesse pelo tema, a oferta de formação relacionada ao uso de quadrinhos na educação ainda é limitada. O Cursista 8 reforçou essa ideia quando disse que “não encontra muitos cursos de formação que fale sobre o uso pedagógico das HQs”.

Apesar da lacuna formativa, o interesse dos cursistas pelo tema ficou evidente no gráfico 3, no qual é possível perceber que dez dos doze cursistas da amostra indicaram que já haviam utilizado histórias em quadrinhos (HQs) anteriormente em sala de aula, enquanto apenas dois relataram nunca ter recorrido a esse recurso pedagógico.

Gráfico 3 - Professores que já utilizaram HQs nas suas aulas



Fonte: autores (2025)

Entende-se que a formação teórica também influencia na frequência com que esse recurso é efetivamente incorporado às práticas pedagógicas dos cursistas.

As respostas ao questionário inicial e as primeiras trocas realizadas nos fóruns e encontros síncronos indicaram um panorama de compreensões iniciais marcado pela valorização do potencial motivador das histórias em quadrinhos (HQs): os professores destacaram a ludicidade, a atratividade e a acessibilidade dessas narrativas como fatores que favorecem o engajamento dos estudantes e facilitam aproximações iniciais com práticas de leitura multimodal. Contudo, essa visão majoritariamente intuitiva e afetiva conviveu com lacunas teóricas e procedimentais.

Logo, no momento de apresentação, a Cursista 12 contou que “sobre a minha relação com as histórias em quadrinho. Quando a minha memória de leitura é a turma da Mônica, e a recordação que eu tenho era sempre ler o Almanacão das Férias.” Ela explicou que

sempre gostei de trazer esse trabalho para as crianças, principalmente aquelas histórias no final do gibi, que são os três quadrinhos, para trabalhar com eles a escrita da história, início, meio e final da história, para desenvolver essa narrativa com as crianças. E eles gostam muito da leitura do gibi. É aquela atividade favorita quando eles terminam a tarefa na minha sala. Terminam, ah, o que eu vou fazer? Vai lá ler um gibi, pega lá da caixa, dá uma lida. É uma leitura mais acessível para eles, principalmente quando eles estão nesse processo inicial da alfabetização. E é um texto mais curtinho, tem as imagens, para aquelas crianças que têm a fluência, ainda estão exercitando essa fluência leitura, é um recurso bem bom.

Já a Cursista 4 relatou que

minha experiência com revista em quadrinhos vai dos gibis daquela época, lá dos anos 70, Tio Patinhas, Pato Donald, que era uma maravilha, uma coisa maravilhosa, Zé Carioca. Até porque eu vim de uma família muito pobre e o custo era bem baixo do que livros, que sempre foi muito caro e continua sendo caro aqui no Brasil. Então, para mim, é uma coisa muito legal a revista em quadrinhos. Eu acho que a gente tem muito a acrescentar dentro da educação. E é uma pena que não se use tanto, não se explore tanto a revista em quadrinhos na educação.

A Cursista 10 disse que

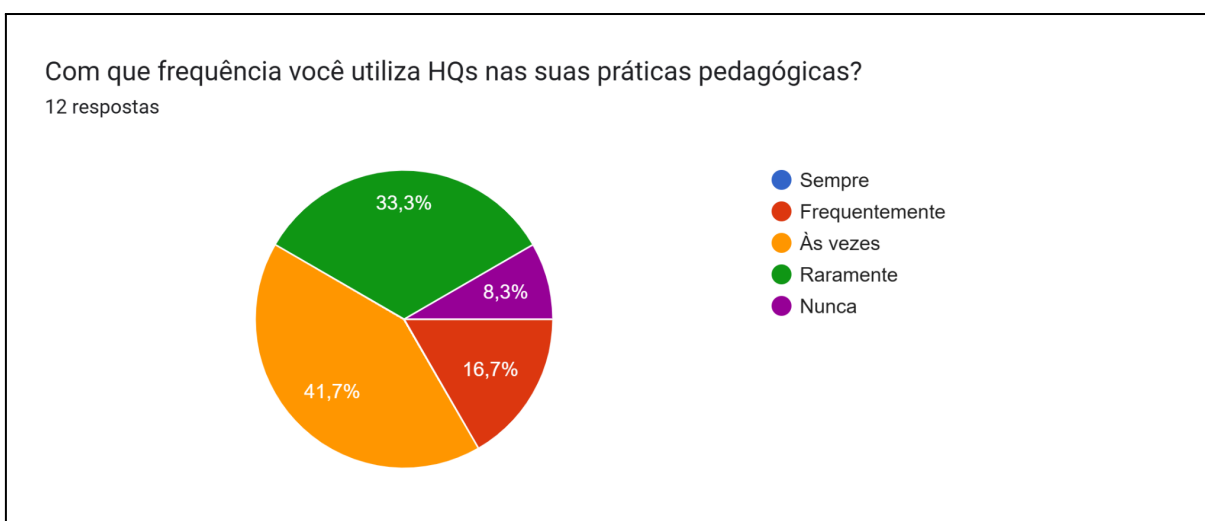
eu me lembro que as histórias em quadrinhos vinham muito dentro do meu dia a dia, não trazido pela minha família, mas por outras pessoas. E aí eu ficava muito encantada com esse mundo ainda aí que se apresentava através dos diálogos e através das imagens. Em relação a como eu uso a história em quadrinho hoje em sala de aula. Então, no terceiro ano, a gente começa a apresentar a construção do diálogo dentro do texto. Então, eu faço com os alunos um teatrinho, usando a história em quadrinho. Então, eles assumem os papéis dos personagens, o diálogo, e dali a gente faz a retirada da conversa, do diálogo, e traz para a construção e o uso da pontuação correta. Então, o quadrinho está no meu dia a dia, não só como forma de terminar um trabalho, ter acesso a essas histórias, mas ele também é colocado no nosso planejamento.

A partir desses relatos é possível confirmar que as histórias em quadrinhos muitas vezes chegam às salas de aula através desses professores que vivenciaram seu encantamento ainda na infância através de outras fontes que não a escola. Suas falas indicam que o uso das HQs é majoritariamente intuitivo, usado para trabalhar aspectos curriculares das linguagens. Nenhuma colocação, ao longo do curso, trouxe a criticidade como intenção principal no uso desse recurso em sala de aula.

No gráfico 4, oriundo das respostas ao questionário inicial, é possível compreender não apenas se há contato com o gênero, mas também a regularidade de sua utilização no

contexto escolar. Os resultados indicam que apenas dois cursistas utilizam HQs frequentemente, cinco relatam utilizá-las às vezes, quatro afirmam empregá-las raramente, enquanto um cursista declara nunca fazer uso do recurso. Ressalta-se ainda, que ninguém assinalou a opção “sempre”, o que evidencia que, embora as HQs integrem o repertório metodológico de ensino da maioria, sua utilização ainda não ocorre de forma contínua ou sistemática.

Gráfico 4 - Frequência na qual os professores usam HQs nas suas aulas



Fonte: autores (2025)

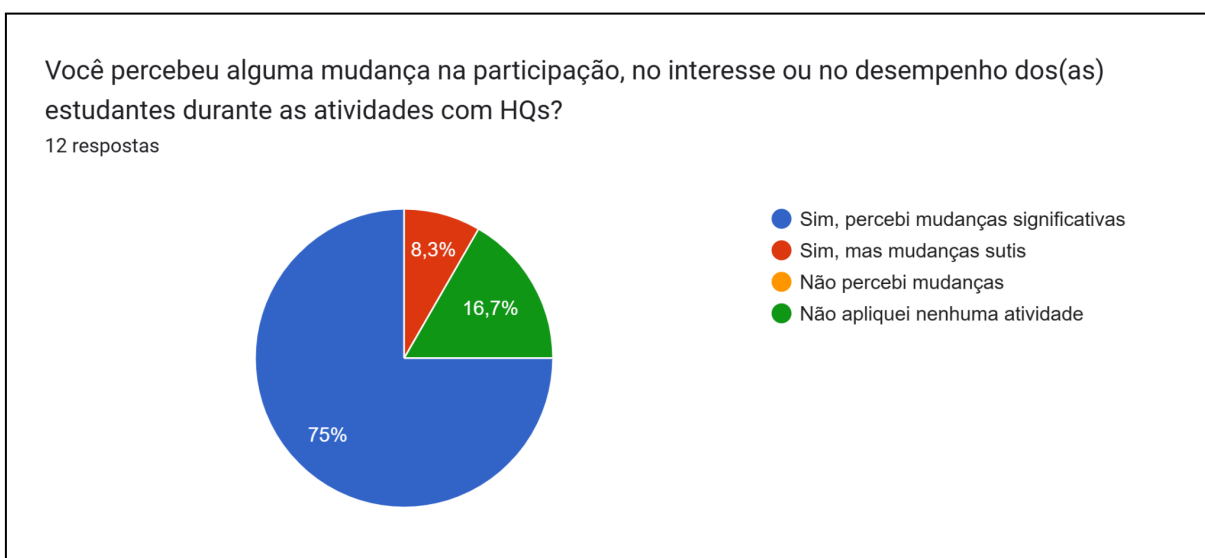
A partir das discussões, foi possível notar que os participantes possuíam uma compreensão básica e predominantemente intuitiva do potencial pedagógico das HQs. As colocações dos cursistas a respeito do uso das HQs em sala de aula enfatizavam aspectos motivacionais, como ludicidade, atratividade e facilidade de leitura, reconhecendo o gênero como facilitador da alfabetização e da leitura multimodal. No entanto, nenhum cursista articulou explicitamente o uso das HQs ao letramento crítico.

No questionário final, os relatos dos cursistas evidenciaram os benefícios formativos do curso. A Cursista 2 disse que o curso contribuiu para sua formação ao “*entrar em contato com ideias diferentes de atividades e também para entender as intenções por trás das atividades e fazer desdobramentos a partir disso.*”

Alguns relatos das aplicações das atividades apontaram que estudantes com dificuldade de leitura demonstraram maior autonomia quando as narrativas foram trabalhadas em quadrinhos. A Cursista 3 destacou que quando levou a proposta a partir dos quadrinhos “*eles participaram muito mais da aula, por ali eles puderam dividir um pouco aquilo que eles acharam, o que eles concordaram, o que eles pensaram, criticaram.*”

O gráfico 5 mostra que dez dos doze cursistas da amostra perceberam mudanças significativas na participação, no interesse ou no desempenho dos estudantes durante as atividades com HQs, enquanto um cursista relatou mudanças sutis e um outro não teve a oportunidade de aplicar a atividade até o fechamento do curso.

Gráfico 5 - Mudanças percebidas na participação dos estudantes



Fonte: autores (2025)

Por esses dados, entende-se que entre as potencialidades salientadas pelos cursistas estão **a mobilização afetiva, o engajamento, a facilitação da leitura por meio de textos curtos e recursos visuais e a possibilidade de tematizar e discutir questões sociais — bullying, identidade, meio ambiente — de modo acessível.**

Nesse segmento da educação básica, o uso de tirinhas mudas e de materiais da franquia Turma da Mônica aparece com muita força para estimular a produção narrativa e trabalhar a **produção de sentido** nas etapas iniciais da alfabetização.

A Cursista 2 afirmou que foi interessante *“perceber como os estudantes de fato se envolvem nas atividades com HQs e que é importante trazer mais atividades como essa à prática.”*

A Cursista 12 contou que *“gosto muito da Turma da Mônica, desde criança e levo a Turma da Mônica para a escola também, e vejo que é uma ferramenta que as crianças gostam muito, porque é um texto que é fácil de leitura.”*

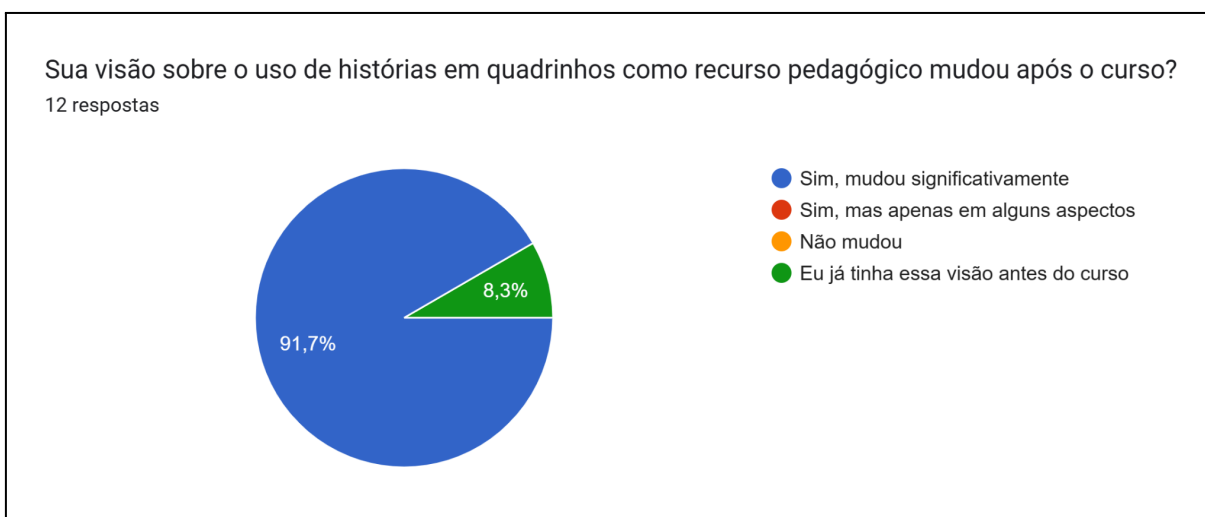
Já a Cursista 9 falou sobre *“o quanto faz diferença o uso das HQs como recurso para as crianças em processo de alfabetização.”* Ela notou que *“as crianças leem as imagens antes mesmo da leitura em si e isso as estimula, faz com que se sintam capazes.”*

A Cursista 4 identificou, a partir de experiências anteriores, e compartilhou com o grupo que entende que o trabalho com HQs pode ser uma

forma de eles (os estudantes) se expressarem... o tipo de bullying, o tipo de preconceito que eles percebem, tanto no espaço escolar, como na rua, como na família, porque, pode parecer que não, mas às vezes a criança tem um tio, um primo que consegue fazer ela se sentir mal, sei lá, ela se machuca com algumas palavras.

Conforme mostra o gráfico 6, onze dos doze cursistas da amostra afirmaram que sua visão sobre o uso das histórias em quadrinhos como recurso pedagógico mudou após o curso, um deles afirmou já ter essa visão antes do curso, enquanto nenhum cursista respondeu que sua visão não mudou ou que mudou apenas em alguns aspectos.

Gráfico 6 - Mudanças na percepção sobre o uso de HQs no ensino após o curso



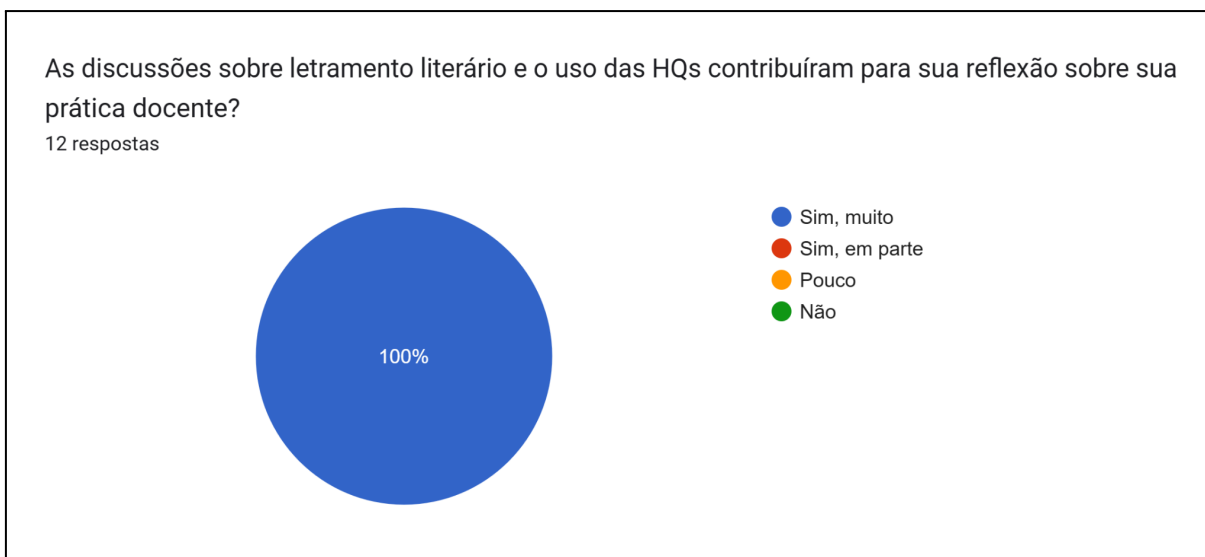
Fonte: autores (2025)

Alguns cursistas relataram a absorção de procedimentos analíticos apresentados no curso — atenção aos elementos formais das HQs, distinção entre tipos de balões e função das onomatopeias — e atenção à clareza e aos **significados implícitos** nas narrativas gráficas. Conforme relato da Cursista 3, os debates a ajudaram a “*perceber o aspecto crítico das tirinhas, mesmo com temas do universo infantil.*”

O curso mostrou efeitos positivos quando há planejamento pedagógico, mas indicou que isso ainda não é norma.

No gráfico 7 vemos que todos os doze cursistas da amostra afirmaram que o curso contribuiu para que refletissem sobre suas práticas docentes, enquanto nenhum cursista respondeu que o curso contribuiu em parte, pouco ou não contribuiu. Isso faz entender que, de alguma forma, o curso atingiu seu objetivo principal.

Gráfico 7 - Contribuição do curso nas reflexões sobre as práticas docentes



Fonte: autores (2025)

Em suma, esses dados indicam que o curso **ampliou o repertório metodológico de ensino dos docentes**, favoreceu práticas de letramento crítico e **aumentou o engajamento discente**, ao mesmo tempo em que **evidenciou lacunas formativas e materiais** a serem supridas para a incorporação sistemática das HQs no currículo escolar.

5.2. Práticas de Letramento Crítico a partir das HQs: limites e possibilidades

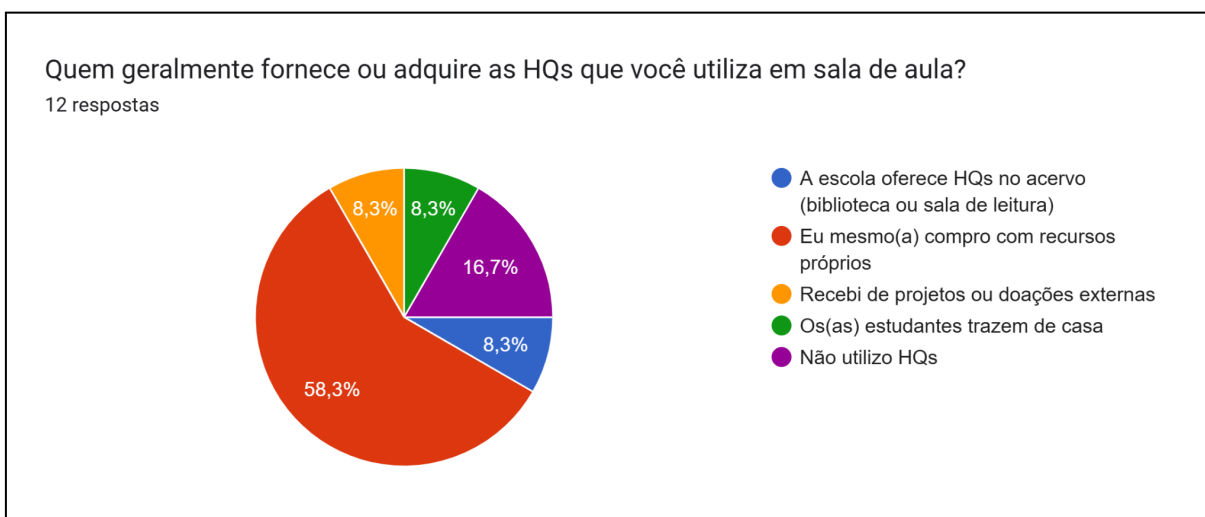
A partir dessas constatações, tornou-se pertinente aprofundar a análise dos limites e das possibilidades das práticas de letramento crítico mediadas pelas histórias em quadrinhos (HQs). Se, por um lado, os dados revelam avanços significativos na ampliação do repertório docente e no engajamento dos estudantes, por outro, também evidenciam desafios que atravessam a consolidação dessas práticas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a discussão a seguir dedica-se a examinar de forma mais detida as potencialidades do trabalho com HQs para formação crítica dos estudantes, bem como os entraves pedagógicos, formativos e estruturais que ainda precisam ser enfrentados para que sua inserção ocorra de maneira sistemática e intencional, estabelecendo relações entre essas compreensões e as atividades e propostas didáticas desenvolvidas ao longo do curso.

Entre os limites apontados pelos cursistas, destaca-se a questão do acesso ao material. Cinco dos cursistas identificaram a falta de acervo como maior desafio para utilizar as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico. A Cursista 2 falou da dificuldade de “*encontrar acervo de HQs novas e atrativas para os alunos.*” E que “*após conversar com os alunos, compro as HQs que eles demonstraram ter interesse.*”; a Cursista 5 também descreveu

difficuldade em “*encontrar materiais acessíveis.*”; a Cursista 7 disse ser difícil “*possuir exemplares*”; a Cursista 9 relatou que, para ela, “*a parte mais desafiadora é encontrar material digitalizado que facilite a produção de matérias.*”; e a Cursista 12 também falou que é difícil “*encontrar recursos digitalizados.*”

O gráfico 8 corrobora as declarações desses cursistas. Ainda no questionário inicial, quando perguntados sobre quem geralmente fornece ou adquire as HQs que utilizam em sala de aula, apenas um dos doze cursistas respondeu que a escola oferece o material em seu acervo, enquanto sete cursistas disseram que são eles mesmos que compram com recursos próprios. Ainda nesta pergunta, um cursista respondeu que recebe exemplares de projetos ou doações externas, um outro declara que os estudantes trazem de casa e, dois, dizem ainda não utilizar HQs em sala de aula.

Gráfico 8 - Origem das HQs utilizadas em sala de aula pelos professores do curso



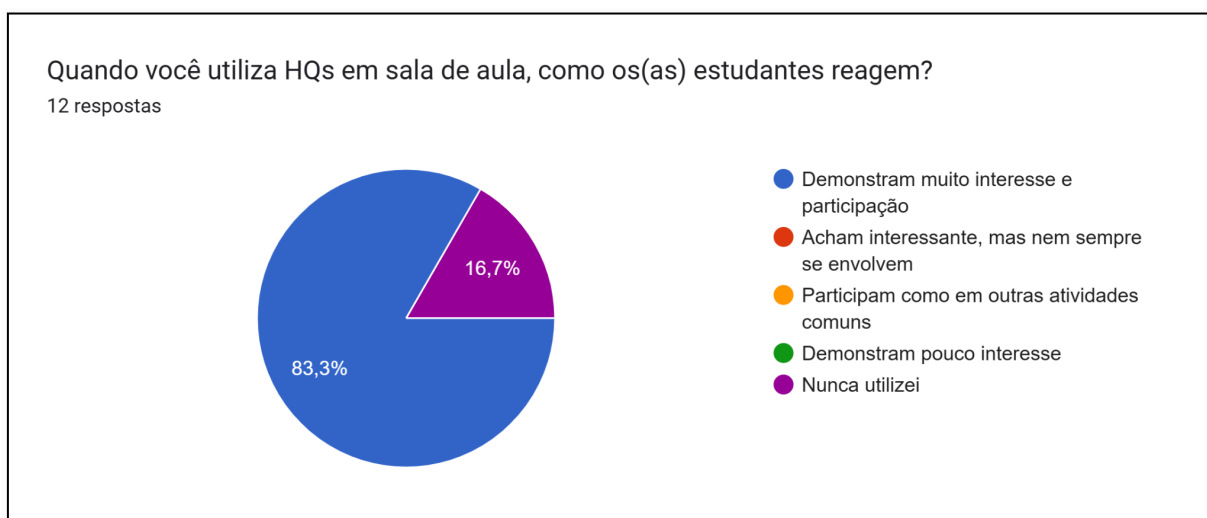
Fonte: autores (2025)

Os dados gerados mostram que, na prática, os docentes gostariam de utilizar mais as HQs, mas enfrentam lacunas formativas, conforme já discutido na seção anterior, e falta de materiais. Os questionários apontaram carência de materiais e de suporte para implementação contínua — o que amplia o efeito da presença tímida das HQs na BNCC, já que políticas curriculares pouco enfáticas não geram financiamento/apoio para materiais e formação continuada.

Na BNCC, as HQs aparecem pontualmente em habilidades e exemplos; na prática, para desenvolver letramento crítico e competências interdisciplinares, é necessária uma estratégia curricular integrada (planejamento, avaliação, recursos e formação).

Quando perguntados a respeito das potencialidades que eles encontram no uso das HQs como recurso pedagógico, a maioria dos cursistas indicou que a característica lúdica dos quadrinhos aumenta o interesse e a participação dos estudantes, além de facilitar o diálogo do professor com os mesmos. Segundo os dados coletados no questionário inicial, quando os professores utilizam as HQs em sala de aula, a reação dos estudantes é positiva. O gráfico 9 mostra que dez dos doze cursistas da amostra disseram que os estudantes demonstram muito interesse e participação, enquanto nenhum respondeu às opções “*acham interessante, mas nem sempre se envolvem*”; “*participam como em outras atividades*”; “*demonstram pouco interesse*”. Dois dos cursistas reafirmaram nunca ter utilizado as HQs em sala de aula.

Gráfico 9 - Reação dos estudantes à utilização de HQs



Fonte: autores (2025)

Autoras como Soares (2023), Ferreiro (2015), Jordão (2016) e Lerner (2007) corroboram essa percepção. Todas elas, cada um à sua maneira, afirmam a importância de considerar as vivências dos estudantes, seus interesses e seu protagonismo. As histórias em quadrinhos são materiais de apreço dos estudantes, eles compreendem sua proposta lúdica e sentem-se representados pelas situações e personagens das narrativas.

Alguns cursistas indicaram que a combinação de imagens e texto auxilia a compreensão e a interpretação das narrativas e, mesmo os estudantes em fase inicial de alfabetização e letramento, sentem-se capazes de ler e participar das propostas.

Quando questionados sobre as potencialidades que os cursistas identificam nas HQs a Cursista 10 declarou que “*para os que estão em processo de alfabetização, eles se sentem potentes porque leem as imagens e interpretam o que está acontecendo, tendo maior interesse em realizar a leitura das histórias.*”

Eisner (2005) justifica esse processo quando explica que, ao integrar texto e imagem, as histórias em quadrinhos facilitam a compreensão e a interpretação da narrativa, já que a

leitura das imagens e das palavras se complementam. Segundo ele, “o processo de leitura dos quadrinhos é uma extensão do texto. No caso do texto, o ato de ler envolve uma conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens (Eisner, 2005, p. 9)”

Outros cursistas destacaram que as HQs possibilitam um trabalho interdisciplinar e utilizam linguagem própria aos leitores infantis, que muitas vezes se identificam com personagens e se sentem representados nas narrativas.

A Cursista 3 explica que *“com as tirinhas podemos discutir assuntos de várias disciplinas ao mesmo tempo. É importante para as crianças não verem os temas separados em caixinhas porque no mundo é tudo junto.”* E a Cursista 1 completa que *“eles (os estudantes) gostam porque entendem as histórias com facilidade e se identificam com os personagens”*.

Esta ideia é corroborada por Tanino (2011) ao afirmar que as HQs podem ser utilizadas para abordar conteúdos transversais e relevantes, tornando-se um recurso versátil e atraente para alunos de diferentes idades. Segundo ela (Tanino, 2011), a inclusão das HQs em sala de aula pode criar um ambiente de aprendizagem mais lúdico e descontraído. Por meio desse recurso, os professores têm a capacidade de estimular a imaginação dos alunos, incentivando-os a refletir sobre o conteúdo lido e a desenvolver habilidades de leitura e escrita. Assim, as HQs se configuram como uma ferramenta didática poderosa, contribuindo para a formação de leitores nos anos iniciais e promovendo o desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação, criatividade e imaginação.

Após as discussões teóricas e considerando as percepções dos cursistas, torna-se necessário examinar de que maneira as atividades elaboradas ao longo do curso buscaram efetivamente promover o letramento crítico por meio das HQs. Mais do que explorar características atrativas do gênero, interessa analisar em que medida as propostas didáticas favoreceram a problematização de discursos, a construção de posicionamentos e a leitura de múltiplas camadas de sentido presentes nas narrativas gráficas. Assim, a análise das atividades permite verificar se - e como - as potencialidades atribuídas às HQs foram mobilizadas com intencionalidade pedagógica para a formação de leitores críticos, bem como identificar os limites que ainda se colocam nesse processo. Passamos à análise das cinco atividades apresentadas durante o curso.

A proposta da Cursista 3 trouxe uma tirinha da franquia Turma da Mônica.

Atividade 1



Descrição: No primeiro quadrinho aparece a cegonha carregando o bebê Cebolinha no bico. No segundo quadrinho a cegonha carrega a bebê Mônica no bico. No terceiro quadrinho aparece um urubu carregando o bebê Cascão no bico.

A HQ utiliza apenas a linguagem não verbal. A atividade exige que o estudante tenha conhecimento prévio das características apenas do Cascão, que é um menino que não gosta de tomar banho.

A cursista contou que, após a leitura coletiva da tirinha, o debate inicial instigou os estudantes a pensar sobre a ideia de que a cegonha entrega bebês às famílias. E, em seguida, interpretar, justamente, porque o Cascão está sendo levado por uma ave diferente, um urubu, associando os hábitos dessa ave ao mau cheiro da personagem.

Depois, a pergunta “Qual animal levaria você para sua família?” convidou os estudantes a pensar sobre suas próprias características e de suas famílias e desenhar novamente o último quadrinho onde seriam levados por essa ave. Segundo a Cursista, esta proposta fez com que as crianças pensassem a partir da sua realidade num novo desfecho para a tirinha, estimulou o debate sobre as características das aves apresentadas na HQ original e, depois, nas criadas por eles.

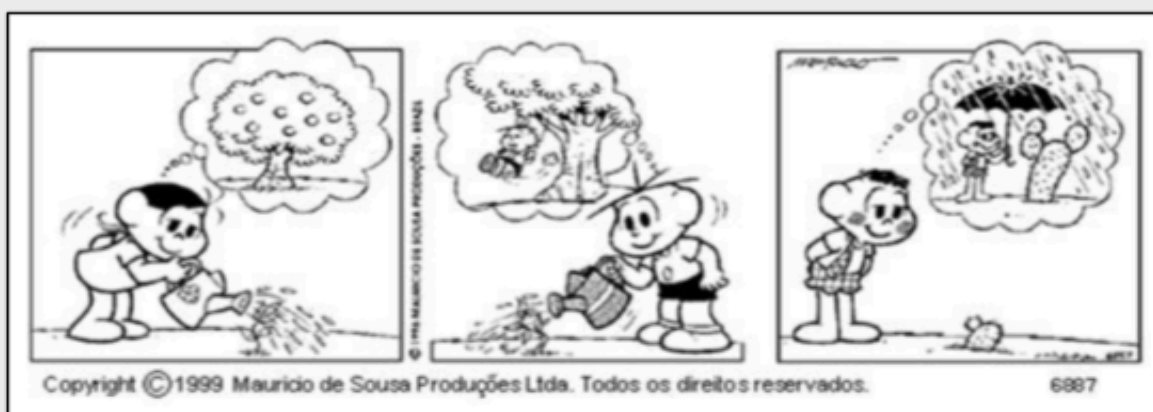
A cursista destacou que “foi curioso perceber que alguns estudantes não se prenderam apenas às aves e surgiram animais como hipopótamo, cobra, tubarão, coelho e até abelha. Quando apresentaram suas produções, a maioria explicou suas escolhas a partir de características dos animais que associaram à proteção do bebê.”

Em termos de letramento crítico, a atividade avançou ao promover reflexão sobre representações (atribuição de características por associação animal/pessoa), mas ficou mais concentrada na expressão individual do que em problematizações mais profundas sobre estigmas sociais ou normas culturais. No entanto, sua dimensão de letramento crítico ficou

mais implícita que sistematizada: predominou a interpretação e a criatividade individual, sem uma etapa explícita de problematização dos estereótipos ou análise dos efeitos sociais das atribuições (quem lucra/perde com esses rótulos?). Para avançar rumo a uma prática mais crítica, a atividade poderia incluir perguntas orientadas para desconstrução de rótulos e uma reescrita coletiva que propusesse outras representações sociais, ampliando a intencionalidade didática identificada no curso.

A proposta da Cursista 5, trouxe outra tirinha da franquia Turma da Mônica.

Atividade 2:



Descrição: No primeiro quadrinho a personagem Magali está regando uma muda de planta no solo. Em um balão que indica pensamento, ela imagina uma árvore frutífera. No segundo quadrinho o personagem Cebolinha também rega uma muda e, se imagina brincando em um balanço amarrado à árvore. No último quadrinho o personagem Cascão observa uma muda de cacto no solo, sem regá-la, e se imagina protegendo a planta da chuva com um guarda-chuva.

A HQ utiliza apenas a linguagem não verbal. A atividade exige que o estudante tenha conhecimento prévio das características de cada uma das personagens e do significado do balão utilizado para, assim, entender o que cada um pensou em fazer quando a planta crescer.

Em seguida, foram feitas perguntas de interpretação que levaram os estudantes a pensar no que cada quadrinho quis dizer, culminando em um debate sobre as diferentes características das plantas.

A proposta fez uma análise comparativa com a realidade e as vivências dos estudantes. A pergunta feita pela Cursista 5 aos estudantes foi: “Você acha que o Cascão vai conseguir proteger o cacto da chuva?” propôs pensar se seria realmente possível uma criança proteger uma planta com um guarda-chuva. Segundo ela, o debate fez com que “os estudantes percebessem que é inviável ficar o tempo todo tomando conta de um cacto para evitar que ele

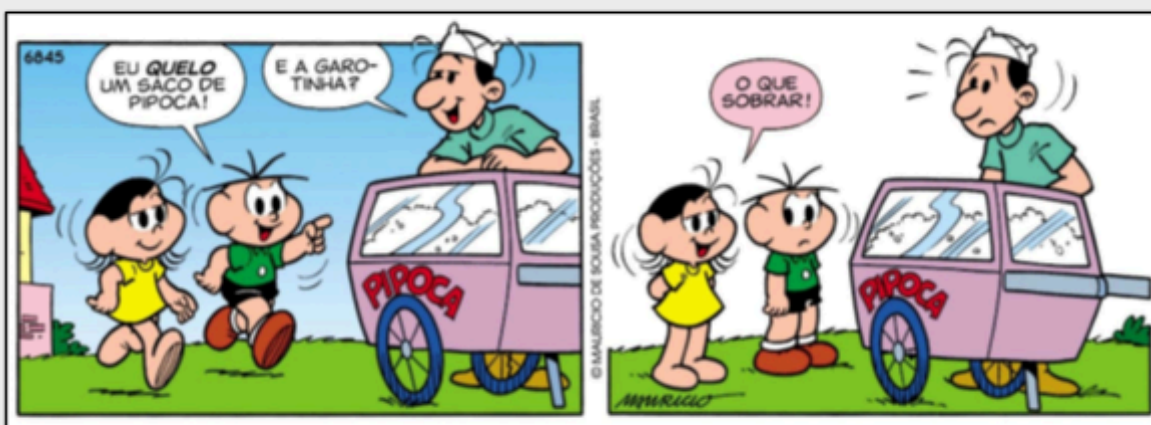
se molhe e aprenderam que os cactos são plantas que precisam de pouca água para sobreviver, mas ainda vão utilizá-la para realizar processos vitais como a fotossíntese.”

Por fim, a atividade foi utilizada como apoio para análise linguística e reescrita de frases.

Didaticamente, a sequência - leitura, perguntas de interpretação, comparação com a realidade e uso do texto como suporte para análise linguística - demonstrou intenção de integrar compreensão multimodal com conteúdos curriculares de ciências e língua portuguesa, favorecendo letramento funcional. Entretanto, em termos de letramento crítico, a atividade priorizou explicações factuais e analogias pessoais mais do que a problematização de discursos ou valores; poderia avançar incluindo uma etapa onde os alunos discutissem questões mais amplas, como sustentabilidade, responsabilidade coletiva pelo meio ambiente, ou como imagens e humor podem moldar percepções sobre cuidado a natureza - alinhando-se às recomendações de uso interdisciplinar e problematizador das HQs registradas no estudo.

A proposta da Cursista 9 também traz uma tirinha da franquia Turma da Mônica, organizada em dois quadrinhos apenas.

Atividade 3:



Descrição: No primeiro quadrinho, as personagens Magali e Cebolinha se aproximam de um pipoqueiro, quando Cebolinha diz: “Eu *quelo* um saco de pipoca!”. O pipoqueiro pergunta: “E a garotinha?”. No segundo quadrinho Magali responde: “O que sobrar!” e o pipoqueiro fica com feições de espanto.

A HQ utiliza linguagem verbal e não verbal. A atividade exige que o estudante tenha conhecimento prévio das características apenas da Magali, que é uma menina comilona.

A Cursista 9 contou que após a leitura da tirinha, foram feitas perguntas que direcionaram a interpretação da narrativa como “O que a Magali quis dizer com ‘o que sobrar’?” e “Qual foi a reação do pipoqueiro?”.

Embora não tenha sido aplicada em sala durante o curso, a intenção declarada da docente - articular a tirinha a discussões sobre alimentação saudável e conteúdos gramaticais - aponta para uma proposta que conjugaria análise linguística (variação, ortografia) e problematização temática (consumo, escolhas alimentares). Essa combinação é consistente com as potencialidades do gênero identificadas na pesquisa (mobilização afetiva, estímulo à leitura e possibilidade de abordar temas sociais). Do ponto de vista do letramento crítico, a atividade tem potencial ao relacionar micro descrições textuais à crítica de práticas sociais (hábitos alimentares publicidade, escolhas individuais vs. coletivas), mas precisa explicitar procedimentos avaliativos e perguntas orientadoras que levem além da interpretação literal - por exemplo, debate sobre como as representações do comer nas HQs influenciam atitudes e expectativas sociais e produção de um texto argumentativo sustentando propostas de alimentação saudável.

A proposta da Cursista 10, também traz uma tirinha da franquia Turma da Mônica, organizada em dois quadrinhos.

Atividade 4:



Descrição: No primeiro quadrinho a Magali aparece cantarolando “Parabéns para mim! Parabéns para mim!!”, enquanto seu gatinho, Mingau, chega com expressão de dúvida. No segundo quadrinho Magali pergunta se o gatinho sabe que dia é. Ele, lambendo a patinha com tranquilidade, “diz” em balão de pensamento: “sei lá! Mas pra você deve ser um daqueles dias movimentadíssimos, comendo e atacando a geladeira!”.

A HQ utiliza linguagem verbal e não verbal. A atividade também pressupõe que o estudante conheça as características da personagem Magali, conhecida por ser muito gulosa.

Após a leitura da tirinha, a Cursista 10 explicou que foram feitas perguntas que pudessem ajudar os estudantes a interpretar a narrativa, questionando as expressões das personagens e seus objetivos, até que entendessem que o Mingau associou a felicidade da Magali ao quanto ela comeria e não ao fato de ser seu aniversário.

A proposta se aproximou das vivências dos estudantes quando a Cursista pergunta: “E você, que dia é seu aniversário? Quantos anos você tem?”, mas não desenvolveu nenhuma discussão contextualizada que integrasse conhecimentos de outras disciplinas.

No geral, a intervenção limitou-se, segundo o relato, à condução para análises linguísticas sem desenvolver um debate interdisciplinar ou uma problematização crítica mais estruturada (por exemplo, sobre cultura do consumo, representações do corpo e saúde). Para ampliar a dimensão crítica, a atividade poderia incorporar tarefas de investigação (como analisar propagandas relacionadas a festa/comida), produção de material que ressignifique a festa sem centralizar o comer, ou comparação crítica entre representações midiáticas e realidades alimentares dos estudantes - integrando, assim, HQs ao letramento crítico e as competências interdisciplinares.

A proposta da Cursista 12, também trouxe uma tirinha da franquia Turma da Mônica.

Atividade 5:



Descrição: No primeiro quadrinho aparece o Cascão se aproximando do Cebolinha. O Cascão vem seguido de moscas e uma representação gráfica que indica seu cheiro ruim, enquanto o Cebolinha tampa o nariz com os dedos para evitar o odor. No segundo quadrinho o Cebolinha, ainda tampando o nariz, diz: “*Inclível!* Não sei como estas moscas aguentam ficar em volta do Cascão.” No terceiro quadrinho aparece a imagem aproximada das moscas utilizando pregadores onde seriam seus narizes.

A HQ utiliza linguagem verbal e não verbal. Aqui, a fala do Cebolinha é o texto escrito que vai encaminhar a narrativa para o último quadrinho, que responde com imagens o questionamento feito por ele. Assim, as duas linguagens são importantes para o entendimento da HQ, no entanto não é imprescindível que o estudante conheça as personagens, já que a própria história indica a característica principal do Cascão. O mais importante nesta narrativa é interpretar o “comportamento” das moscas.

A Cursista 12 explicou que a HQ foi seguida de perguntas que levaram os estudantes a pensar justamente a fala do Cebolinha e o “comportamento” das moscas. Segundo ela, esta discussão abriu espaço para pensar as características das moscas e entender, por exemplo, que este inseto não tem nariz e sim um sistema olfativo muito eficaz composto por múltiplos órgãos sensoriais altamente atraído por odores fortes que podem indicar fonte de alimento.

A Cursista contou que, a partir destes dados, os estudantes fizeram a análise da narrativa e “compreenderam que as moscas poderiam sim estar atraídas pelo cheiro forte que o Cascão exala, mas não conseguiram evitar o odor com pregadores. Na realidade, elas ‘gostam’ desses ‘odores’.” Além disso, ela destaca que os estudantes identificaram a existência de uma desproporção entre o tamanho das moscas e dos pregadores reais, impossibilitando que isso aconteça de verdade. A Cursista 12 explicou que essa observação levou os estudantes a entenderem a comicidade da HQ e naturalmente os levou a um segundo debate, este sobre higiene pessoal.

Por fim, a HQ foi utilizada como material de apoio para análise linguística e reescrita de texto.

A sequência - interpretação, investigação, debate e reescrita linguística - é exemplar na forma como integrar letramento multimodal, conteúdos de ciências e problematização cotidiana, cabendo entre as práticas mais próximas ao letramento crítico conforme os critérios adotados neste estudo. O ponto forte é justamente essa articulação que desloca a tirinha da simples leitura humorística para uma plataforma de investigação e reflexão ética. Um limite possível seria a ausência de aprofundamento sobre como estigmas ligados à higiene operam socialmente (por exemplo, implicações de exclusão e preconceitos) - acréscimo que tornaria a atividade ainda mais crítica em consonância com as possíveis estratégias de formação de leitores críticos.

5.3. Discussão

A análise dos dados produzidos ao longo do curso de extensão permite identificar um conjunto de avanços, permanências e desafios ao uso das histórias em quadrinhos (HQs) no contexto escolar, especialmente no que se refere à promoção do letramento crítico. De modo geral, os resultados evidenciam que, embora as HQs já fizessem parte do repertório

pedagógico dos professores participantes, sua utilização ocorria predominantemente de forma intuitiva, centrada em aspectos como ludicidade, motivação e facilitação da leitura, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa tendência foi confirmada tanto pelos dados dos questionários quanto pelas falas dos cursistas sobre o gênero e ao engajamento dos estudantes, sem, no entanto, explicitar uma intencionalidade voltada à problematização de discursos, valores ou representações sociais.

Nesse cenário, o curso de extensão desempenhou um papel relevante ao promover a ampliação do repertório teórico-metodológico dos participantes, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das especificidades da linguagem dos quadrinhos e de suas potencialidades pedagógicas. Os dados do questionário final indicam um aumento significativo na percepção de preparo dos professores para utilizar HQs em sala de aula, o que sugere que a formação contribuiu para reduzir inseguranças decorrentes da ausência de formação prévia na área. Além disso, observou-se que os cursistas passaram a reconhecer elementos formais das HQs - como balões, onomatopeias, expressões faciais e recurso de movimento - como componentes relevantes para a construção de sentido, incorporando, ainda que de maneira inicial, procedimentos analíticos em suas práticas.

Outro aspecto que se destacou na análise foi o impacto positivo das atividades com HQs no engajamento e na participação dos estudantes. Os relatos dos cursistas indicam que o uso desse gênero favorece a mobilização afetiva, amplia a participação em sala de aula e possibilita a inclusão de alunos com dificuldade de leitura, uma vez que a articulação entre linguagem verbal e não verbal contribui para a construção de sentido. Além disso, as HQs mostraram-se eficazes para a abordagem de temas sociais relevantes como *bullying*, identidade e meio ambiente, evidenciando seu potencial para o desenvolvimento de práticas interdisciplinares.

Entretanto, apesar desses avanços, a análise também revelou limites importantes que tensionam a consolidação de práticas de letramento crítico. Em primeiro lugar, observa-se que, mesmo após a formação, muitas das propostas elaboradas pelos cursistas ainda se concentram em atividades de interpretação, reescrita e expressão individual, sem a incorporação sistemática de estratégias que promovam a problematização de discursos e a análise das implicações sociais das representações presentes nas HQs. Em diversos casos, a dimensão crítica aparece de forma implícita, não sendo explicitamente planejada ou conduzida por meio de mediações pedagógicas intencionais.

Além disso, aspectos estruturais também se apresentam como entraves para a ampliação do uso das HQs no contexto escolar. A escassez de acervo, a dificuldade de acesso a materiais atualizados e a ausência de políticas institucionais que incentivem o uso desse gênero foram apontadas pelos cursistas como desafios recorrentes. Esses fatores evidenciam

que a incorporação das HQs ao currículo não depende apenas da iniciativa individual dos professores, mas requer condições materiais e formativas que sustentem sua utilização de forma contínua e qualificada.

Por fim, a análise das atividades propostas ao longo do curso permite afirmar que há um movimento em direção à ressignificação das práticas pedagógicas, ainda que esse processo se encontre em estágio inicial. Algumas propostas demonstram maior articulação entre leitura, investigação e reflexão, aproximando-se de uma perspectiva de letramento crítico, enquanto outras permanecem mais vinculadas a abordagens tradicionais, centradas na compreensão literal e no uso instrumental das HQs. Assim, os dados indicam que o curso contribuiu para tensionar concepções e ampliar possibilidades, mas também evidenciam a necessidade de aprofundamento das práticas formativas, de modo a fortalecer a intencionalidade crítica no uso das histórias em quadrinhos e favorecer sua integração efetiva ao currículo escolar.

Nesse contexto, ao observar mais detidamente as escolhas realizadas pelos cursistas na elaboração e aplicação de suas propostas didáticas, torna-se possível compreender como essas concepções se materializam na prática. Um dos aspectos que se destacou foi a predominância de um repertório específico de leitura, diretamente relacionado ao acesso e à familiaridade dos estudantes com determinados materiais.

As cursistas docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, que entregaram a atividade na plataforma e apresentaram sua experiência na roda de conversa, utilizaram exclusivamente histórias em quadrinhos da franquia Turma da Mônica confirmando que são as HQs mais difundidas e acessadas pelos estudantes no segmento. Conforme relatado pela Cursista 10: “eles (os estudantes) já conhecem e adoram!” e, na mesma linha, a Cursista 12 diz que “os gibis da Turma da Mônica são até solicitados na lista de material escolar e ficam disponíveis em sala para leitura de lazer entre as atividades”. Essas falas evidenciam tanto a adequação do repertório à experiência dos estudantes quanto limitações do acervo escolar que podem restringir a diversidade de leitura trabalhadas em sala.

Conforme afirma Soares (2023), as HQs, quando bem utilizadas, são recursos que contribuem significativamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Nesse contexto, Eisner (2005) destaca a relevância dos elementos gráficos, que auxiliam na narrativa e, conseqüentemente, na interpretação das ideias apresentadas. Ao analisar as cinco atividades descritas acima percebemos que as professoras utilizaram as HQs como recurso, tanto para desenvolver a interpretação de texto, como para propor habilidades de análise linguística e escrita.

No conjunto das cinco propostas analisadas, os cursistas demonstraram compreensão das potencialidades das HQs para promover engajamento e facilitar a leitura multimodal. A

Cursista 9 enfatizou “o quanto faz diferença o uso das HQS como recurso para as crianças em processo de alfabetização”, observando que “as crianças leem as imagens antes mesmo da leitura em si e isso estimula, faz com que se sintam capazes”. Relatos como esse confirmam achados teóricos que valorizam a integração de imagem e texto na mediação da leitura (Eisner, 2005) e mostram que as tirinhas serviram tanto para desenvolver interpretação quanto para propôr atividades de análise linguística e produção escrita, conforme destacam Soares (2023) e Ferreiro (2015) no referencial utilizado nesta dissertação.

Quanto ao letramento crítico, quatro das cinco propostas já incorporaram, ainda que de maneira incipiente, procedimentos que aproximam a leitura das HQs das vivências dos estudantes. Em relatos do curso, a Cursista 3 afirmou que, ao aplicar sua proposta, “eles participaram muito mais da aula, por ali eles puderam dividir um pouco aquilo que eles acharam, o que eles concordam, o que eles pensaram, criticaram”. Essa prática de relacionar narrativas às experiências pessoais corrobora a perspectiva de Lerner (2007) e Jordão (2016) sobre a importância de conectar textos ao contexto social dos alunos e fomentar a autonomia interpretativa. Contudo, na maioria das sequências analisadas, as problematizações permaneceram mais focadas na expressão individual e na explicação factual do que em análises sistemáticas de estereótipos, pressupostos ideológicos ou relações de poder - dimensões centrais ao letramento crítico conforme Janks (2018).

A interdisciplinaridade foi recorrente nas propostas: quatro das cinco atividades articulam conteúdos de ciências, língua portuguesa e/ou questões socioemocionais, usando as tirinhas como ponto de partida para discutir fenômenos biológicos, hábitos alimentares e cuidados com plantas. A Cursista 3 ressaltou que “como as tirinhas podemos discutir assuntos de várias disciplinas ao mesmo tempo”. Essa integração evidencia como as HQs podem servir a objetivos técnicos (análise linguística, ortografia, escrita) e interpretativos, aproximando-se das habilidades previstas na BNCC (2017) para os anos iniciais.

As propostas destacaram a importância da participação ativa do leitor na construção do significado explicada por Eisner (2005), refletindo a ideia de que a interpretação é um processo colaborativo e social. Em suas propostas, as professoras possibilitaram um espaço de debate entre os estudantes a partir de perguntas que auxiliaram a interpretação da narrativa e, em sua maioria, relacionaram as discussões às vivências individuais das crianças.

Nesses desenvolvimentos, percebemos que o professor se colocou no papel de colaborador, conforme descreve Jordão (2016) e permitiu que os estudantes pensassem e aprendessem juntos. É a partir da interação entre professores e estudantes, segundo ela (Jordão, 2016), que se constrói o conhecimento.

Além disso, todas as atividades também utilizaram as HQs como material de apoio para desenvolver conteúdos curriculares de língua portuguesa como, análise linguística, escrita de frases e textos, ortografia e gramática.

Em comparação com as 11 atividades recebidas de cursistas docentes que atuam em outros segmentos da educação básica percebe-se diferenças importantes: esses cursistas utilizaram um repertório de HQs mais variado (mangás, *webcomics*, super-heróis) e, em alguns casos, delegaram aos estudantes a escolha do material - procedimento que Lerner (2007) indica como promotor da autonomia e prazer pela leitura. Em contrapartida, nos anos iniciais observou-se, conforme dito anteriormente, a predominância da franquia Turma da Mônica, possivelmente influenciada pela faixa etária e por práticas de leitura já estabelecidas na infância - fato que pode limitar a diversidade temática e estética necessária para leituras críticas mais abrangentes.

Além disso, os cursistas que atuam em outros segmentos, tiveram maior facilidade em desenvolver aspectos interdisciplinares, utilizando as HQs para debates sobre os mais diversos temas, considerando, inclusive, características gráficas mais específicas, como a escolha das cores, na interpretação das narrativas.

Dessa forma, o curso evidenciou a necessidade de fortalecer a presença das HQs nas políticas públicas educacionais, com diretrizes que reconheçam seu uso pedagógico como gênero multimodal voltado ao letramento crítico, à valorização da diversidade cultural e à promoção da interdisciplinaridade. É preciso fomentar projetos interdisciplinares que utilizem HQs para trabalhar, de maneira articulada, as competências previstas na BNCC (2017), avaliando tanto a compreensão multimodal quanto a produção crítica. Além disso, é fundamental assegurar que as HQs selecionadas reflitam a pluralidade social e abordem temas relevantes — como gênero, etnia, deficiência e questões socioeconômicas — para que contribuam efetivamente para a formação crítica e o engajamento dos estudantes.

Em síntese, as cinco atividades analisadas confirmam que as histórias em quadrinhos (HQs) são recursos potentes para engajar estudantes, desenvolver leitura multimodal e articular práticas linguísticas e científicas; relatos como o da Cursista 2 - “perceber como os estudantes de fato se envolvem nas atividades com HQs” - e os resultados dos questionários, que mostram aumento de participação e interesse, evidenciam ganhos práticos decorrentes do percurso formativo oferecido pelo curso. Ao mesmo tempo, os dados apontam limites: a necessidade de formatos trabalhados e garantir condições materiais e formativas para que o uso das HQs deixe de ser ocasional e passe a integrar o planejamento curricular de forma

contínua. Essas conclusões estão em sintonia com o referencial teórico mobilizado nesta dissertação.

Com base nos dados apresentados e nas análises realizadas ao longo desta pesquisa, evidencia-se que as discussões desenvolvidas no curso acerca do uso das HQs e do letramento crítico permitiram não apenas reconhecer o potencial formativo desse gênero, mas também explicitar os desafios que atravessam sua incorporação às práticas pedagógicas. De modo geral, os resultados indicam que os cursistas compreendem as HQs como um recurso significativo e capaz de mobilizar o interesse dos alunos, favorecendo a participação, o diálogo e a problematização em sala de aula. Assim, conclui-se que a formação ofertada contribuiu para ampliar o repertório teórico-metodológico dos cursistas e fortalecer uma perspectiva de ensino mais crítica, reflexiva e contextualizada.

6. PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo descreve o produto educacional (PE) desenvolvido no âmbito desta dissertação, o curso de extensão “Entre Quadrinhos e Ideias: Formando Leitores Críticos com HQs” oferecido em outubro de 2025. O produto foi criado para responder a uma necessidade prática identificada na pesquisa que buscou compreender de que maneira um curso de extensão sobre letramento crítico e histórias em quadrinhos (HQs) poderia favorecer, na perspectiva dos anos iniciais, o processo de formação de leitores críticos.

O desenvolvimento do PE seguiu as diretrizes da área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Deve apresentar, em sua descrição, as especificações técnicas, ser compartilhável, registrado em plataforma, apresentar aderência às linhas e aos projetos de pesquisa do PPG, apresentar potencial de replicabilidade por terceiros, além de ter sido desenvolvido e aplicado para fins de avaliação, prioritariamente, com o público-alvo a que se destina. (RIZZATI, 2020, p.4)

O PE foi elaborado e fundamentado na articulação entre os referenciais teóricos discutidos na dissertação e as demandas formativas identificadas no contexto da prática docente. A proposta do produto emergiu da necessidade de fortalecer a formação continuada de professores, oferecendo subsídios teóricos metodológicos que possibilitassem a utilização intencional das HQs como instrumento de promoção do letramento crítico.

A concepção do curso articulou princípio de letramento, letramento crítico e multimodalidade, entendendo leitura e produção de HQs como práticas que mobilizam relações entre imagem e texto e permitem a problematização de sentidos em contextos sociais.

Para o desenvolvimento do PE, adotou-se o enquadramento metodológico de estudo de caso, por meio do qual o curso foi pensado, implementado e avaliado em um contexto delimitado (docentes dos anos iniciais), com coleta e análise de evidências sobre a adequação e os efeitos da intervenção no campo prático, conforme Yin (2014). Essa opção metodológica permitiu descrever em profundidade o processo de elaboração, aplicação e validação do PE em seu contexto real.

O produto é um curso de extensão realizado em ambiente virtual (*Moodle*), estruturado em quatro módulos com encontros síncronos e atividades assíncronas. O curso inclui leituras comentadas, atividades práticas com HQs, rodas de conversa, elaboração de propostas didáticas pelos participantes e aplicação dessas propostas em suas turmas. Além do material didático, o arquivo do PE reúne registros da aplicação - cronogramas, atividades postadas e registros de fórum - que cumprem a função de evidência para a validação em primeira instância.

As etapas de elaboração do PE foram organizadas conforme o fluxo recomendado para o desenvolvimento de produtos/processo educacionais, seguindo as orientações apresentadas por Rizzatti *et al.* (2020), a saber:

Figura 7: As etapas do produto educacional



Fonte: adaptado de Rizzatti (2020).

Com base no fluxograma, foram construídas por mim as seguintes fases que orientaram a concepção e a sistematização do PE.

Etapa 0 - Identificação da pesquisa e do produto: a partir da experiência da pesquisadora, buscou-se identificar o problema e os procedimentos metodológicos a serem utilizados.

Etapa 1 - Pesquisa: foi feito um levantamento teórico-metodológico, coleta de dados, caracterização do público-alvo, identificação das demandas de ensino e definição do problema com suas questões orientadoras.

Etapa 2 - Análise e síntese: realizou-se a organização das informações teóricas, investigativas e do público-alvo para definir os requisitos e parâmetros do produto.

Etapa 3- Prototipação do produto educacional: desenvolvimento da versão piloto do PE, levando em conta sua natureza e formato em ambiente digital.

Etapa 4 - Aplicação e avaliação do produto educacional: implementou-se um protótipo do produto, acompanhado da utilização de instrumentos de avaliação qualitativa indicados para o mestrado profissional, realizando-se a validação inicial junto ao público-alvo.

Etapa 5 - Análise dos resultados da aplicação: foi feita a análise do PE à luz do referencial teórico-metodológico.

O curso foi divulgado através das plataformas oficiais do Colégio Pedro II em setembro de 2025. Das inscrições recebidas, doze docentes aceitaram participar integralmente e compuseram a amostra da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A intervenção teve duração total de 20h, distribuídas em encontros síncronos e atividades assíncronas durante três semanas. Os registros de participação e produção foram preservados na plataforma e compõem o conjunto de evidências.

A validação em primeira instância seguiu orientações da Área de Ensino para PE, utilizando instrumentos mistos para identificar evidências de adequação, adesão, tempo de uso e efeitos percebidos. Foram eles:

- Questionário inicial (diagnóstico): mapeando as concepções e práticas iniciais.
- Questionário final (avaliação): percepção sobre utilidade, usabilidade e mudanças percebidas.
- Registro de fóruns e tarefas na plataforma.
- Roteiro de observação das aplicações em sala e relatos reflexivos dos participantes.
- Roda de conversa gravada para triangulação qualitativa.

Os resultados obtidos evidenciam participação significativa no curso, com doze docentes concluindo todas as etapas previstas e cinco apresentando propostas didáticas para

implementação em sala de aula. Observou-se também transformações nas concepções acerca do uso das histórias em quadrinhos, uma vez que a maioria relatou maior segurança para explorá-las com intencionalidade pedagógica e abordagem crítica.

Quanto à produção e aplicação, as propostas elaboradas complementam temáticas interdisciplinares e foram acompanhadas de relatos que indicaram ampliação do engajamento dos estudantes, além de maior fluidez no desenvolvimento do letramento, favorecido pela articulação entre linguagem verbal e visual. Por outro lado, o estudo revelou desafios, como a permanência de uma concepção predominantemente lúdica do gênero, ainda pouco sistematizada sob uma perspectiva crítica, bem como a necessidade de ampliação da formação continuada e da oferta de materiais diversificados que sustentem práticas mais aprofundadas. Com base nesses achados, foram realizados ajustes no material e nas orientações propostas, com o intuito de aprimorar sua aplicabilidade e ampliar seu potencial de reaplicação em diferentes contextos de formação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo central desta investigação - compreender como um curso de extensão sobre histórias em quadrinhos (HQs) pode favorecer as práticas de formação de leitores críticos a partir da percepção de professores dos anos iniciais do ensino fundamental - conclui-se que o curso de extensão “Entre Quadrinhos e Ideias: Formando Leitores Críticos com HQs”, oferecido em ambiente virtual pela Coordenadoria de Extensão do Colégio Pedro II e constituído como campo empírico deste estudo de caso exploratório, revelou-se frutífero para promover mudanças conceituais e ampliar o repertório metodológico dos docentes participantes; a maioria dos cursistas da amostra (11 dos 12) relatou sentir-se mais preparado em suas práticas após a formação, o que indica impacto formativo significativo diante da lacuna de formação prévia apontada entre os participantes.

A análise integrada dos dados - triangulada por questionários inicial e final, registros de fóruns, roda de conversa e propostas didáticas - evidenciou que as HQs são percebidas pelos professores como recursos potenciais para engajar estudantes, desenvolver leitura multimodal e articular a interdisciplinaridade, bem como para fomentar práticas de letramento quando há intencionalidade didática. Esse potencial manifestou-se nas cinco propostas aplicadas e compartilhadas, das quais algumas articulam interpretação, investigação, debate e reescrita, sendo a sequência apresentada pela Cursista 12 exemplar na aproximação ao letramento crítico ao integrar investigação científica, debate e produção linguística a partir da tirinha analisada.

Ao mesmo tempo, os resultados apontam limites claros, tais como: a maior parte das atividades analisadas permaneceu mais centrada na expressão individual e na interpretação literal do que em problematizações sistêmicas de estereótipos, pressupostos ideológicos e relação de poder, dimensões que definem o letramento crítico conforme o referencial teórico adotado. Há também indícios de que o uso majoritário de materiais da franquia Turma da Mônica, embora adequado ao repertório dos estudantes e útil para promover engajamento, restringe a pluralidade temática e de vozes necessárias para uma formação crítica mais ampla.

No que se refere à validação das hipóteses, a investigação indica uma confirmação parcial da expectativa de que uma formação sobre letramento crítico, mediada pelas histórias em quadrinhos, pode contribuir para a formação de leitores críticos. Observou-se o desenvolvimento de conhecimentos conceituais e o fortalecimento da confiança e do repertório dos professores participantes. Esses resultados evidenciam o potencial formativo da proposta.

Por outro lado, a efetivação mais ampla de práticas críticas em sala de aula não pôde ser plenamente acompanhada, em função de limitações do estudo. Entre elas, destaca-se a evasão ao longo do curso. Dos 92 inscritos, 23 concluíram a formação e 12 docentes dos anos iniciais compuseram a amostra analítica.

Também se observou um número reduzido de propostas didáticas elaboradas e apresentadas. Soma-se a isso o acervo limitado de histórias em quadrinhos disponíveis no contexto investigativo. Esses aspectos não comprometem os resultados obtidos. Eles apenas delimitam o alcance da investigação.

Ainda assim, os dados indicam contribuições importantes da formação. Ao mesmo tempo, apontam a necessidade de ampliação de estudos futuros. Pesquisas com maior continuidade e um conjunto mais amplo de dados podem aprofundar a análise das práticas docentes envolvendo HQs e letramento crítico.

Em síntese, a investigação confirma, embora em contexto situado, a expectativa de que uma formação sobre o letramento crítico através das histórias em quadrinhos favorece a constituição de leitores críticos, pois confirmou-se o ganho conceitual e o aumento da confiança e repertório entre professores (potencial formativo).. Questões como a forte evasão no curso e os limites da amostra analítica (foram 92 inscritos, 23 concluintes e 12 docentes dos anos iniciais na amostra) e o número limitado de propostas didáticas entregues e apresentadas. Porém, reconhece-se a necessidade de estudos complementares que confirmem tais apontamentos em um contexto mais amplo quantitativamente.

As contribuições teóricas do estudo residem na articulação entre letramento crítico e multiletramento aplicada ao gênero HQ, reafirmando a relevância epistemológica de tratar as HQs como objeto legítimo de ensino voltado à autonomia interpretativa e à formação ética e democrática de leitores. Na dimensão prática, o trabalho entrega sequências e procedimentos didáticos, como atenção a elementos formais da narrativa gráfica, exploração da linguagem verbal e visual, articulação dos conteúdos curriculares e propostas de reescrita, que podem orientar docentes interessados em trabalhar HQs com intencionalidade crítica e alinhamento a BNCC (2017). Ao mesmo tempo, os dados apontam a necessidade de políticas públicas voltadas à criação de acervos de HQs nas escolas e de formação continuada sobre o tema que assegurem a pluralidade de títulos e apoio institucional para incorporação sustentável desse gênero no cotidiano escolar.

Contudo, pela limitação de tempo, recomenda-se, como desdobramentos imediatos, a realização de estudos longitudinais que acompanhem: (i) a implementação e os efeitos das

sequências didáticas em indicadores diretos de leitura crítica dos estudantes; (ii) o aumento e diversificação das amostras e dos contextos escolares; (iii) a criação e avaliação do programas formativos mais longos e articulados a políticas públicas que garantam acervo diversificado de HQs; (iv) a condução de pesquisas-ação com ciclos participativos de planejamento, aplicação e replanejamento para promover apropriação docente e ajustes contextuais e (v) a elaboração de mais instrumentos de avaliação do letramento crítico, de modo que os potenciais identificados possam ser convertidos em práticas educativas contínuas e transformadoras na formação de leitores críticos nos anos iniciais.

Em síntese, a investigação demonstrou que as HQs, quando trabalhadas com intencionalidade e suporte formativo, podem integrar-se a propostas de letramento que articulam interpretação, investigação e produção, contribuindo para processos pedagógicos mais críticos e contextualizados. Contudo, para que esse potencial se efetive de maneira consistente e ampliada é imprescindível combinar formação mais aprofundada, políticas de acervo, acompanhamento e estudos que ampliem e fortaleçam as evidências aqui obtidas, consolidando as HQs como ferramenta legítima e eficaz na formação de leitores críticos nos anos iniciais.

8. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BRAZ, Adah Kethlyn. **O discurso sobre a especificidade educativa das histórias em quadrinhos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Tese (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p. 222, 2021.
- CAMILLO, E. da S. e Castro Filho, C. M. de. **Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) e o ODS 4 da agenda 2030: quais as convergências?** São Paulo, 2019.
- COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. **Práticas de letramento crítico na formação de professores de línguas estrangeiras**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p.911- 932, 2012.
- CUNHA, Rodrigo Bastos. **Letramento científico ou alfabetização científica?; interesses envolvidos nas interpretações da noção de *scientific literacy***. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, p. 169-186, jan./mar. 2017.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Devir Editora, 2005.
- FERREIRA, N. S. de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, ano XXIII, 79, 2002.
- FERREIRO, E. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.
- FRANÇA, S. G. L. **Formação de leitores: caminhos e descaminhos de políticas públicas de fomento à leitura**. São Paulo, 2022.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 52ª ed., São Paulo: Cortez, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GOMES, R. **Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa**. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.
- JANKS, Hillary. **Panorama sobre Letramento Crítico**. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Org.). Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

JANKS, Hilary. **A importância do letramento crítico**. Letras & Letras, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 15, 2 jul. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ll63-v34n1a2018-1>. Acesso em: 15 jan. 2026.

JORDÃO, C. M. **No tabuleiro da professora tem... letramento crítico?** In: JESUS, D. M. de.; CARBONIERI, D. (Org.). Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 41-53. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 47).

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre. Artmed. 2007.

LOTUFO, Cesar; SMARRA, André Luis Soares. **A eterna luta do bem contra o mal: os quadrinhos pela educação**. In: GOMES, Nataniel dos Santos (Org.) Quadrinhos e Transdisciplinaridade. Appris, 2012. P. 109-133.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/374763874/Desafio-Do-Conhecimento-Minayo>. Acesso em: 08/02/2026.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível**. *Interfaces da Educação*, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448/414>. Acesso em: 08/02/2026.

OLIVEIRA, S., **Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(1): 91-117, 2006.

PESSOA, Alberto. **A Linguagem das histórias em quadrinhos: definições, elementos e gêneros** / Alberto Ricardo Pessoa. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; RÔÇAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores**. ACTIO: docência em ciências. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica. Curitiba, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: fev. 2026.

SANTOS, B. B. L. e GONÇAVES, L. S. M. **Panoramas e políticas de leitura no Brasil: avanços e retrocessos**. Bahia, 2023.

SARDINHA, P. M. M. **Letramento Crítico: Uma Abordagem Crítico-Social dos Textos**. Linguagens & Cidadania, [S. l.], v. 20, 2018. DOI: 10.5902/1516849232421. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/32421>. Acesso em: 16 jan. 2026.

SILVINO, Flávia Felipe. **Letramento Visual**. Texto Livre, Belo Horizonte-MG, v. 7, n. 1, p.

167–170, 2014. DOI: 10.17851/1983-3652.7.1.167-170. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16666>. Acesso em: 16 jan. 2026.

SOARES, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2023.

SOUSA, Mauricio de. **Almanaque Histórias sem Palavras da Turma da Mônica**. São Paulo: Editora Mauricio de Souza, Panini Comics, n. 3, jan. 2023.

SOUSA, Mauricio de. **Almanaque Histórias sem Palavras da Turma da Mônica**. São Paulo: Editora Mauricio de Souza, Panini Comics, n. 10, abr. 2024.

SOUSA, Mauricio de. **Almanaque Histórias sem Palavras da Turma da Mônica**. São Paulo: Editora Mauricio de Souza, Panini Comics, n. 14, jul. 2024.

SOUSA, Mauricio de. **Turma da Mônica**. Tira cômica. Aplicativo *Monicaverso*, Mauricio de Sousa Produções. Acesso em: 22 dez. 2025.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, n. 8, p. 465-488, 2006. Tradução de Marcos Bagno.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar**. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE**. In: VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo. Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

XAVIER, J. P. **Letramento visual crítico**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. XIX congresso nacional de linguística e filologia. Línguas Estrangeiras e Tradução. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015. Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 01- Línguas Clássicas, Textos Clássicos.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 5.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2014.